

**CURSO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA EM EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS
MEC/SECAD E CIPEAD/NEAB-UFPR**

EVERTON MARCOS GRISON

**“A LARVA NO CAROÇO”: REGINA CASÉ, O PROGRAMA *ESQUENTA!* E A
DESEDUCAÇÃO ÉTNICO RACIAL.**

**CURITIBA
2015**

EVERTON MARCOS GRISON

“A LARVA NO CAROÇO”: REGINA CASÉ, O PROGRAMA *ESQUENTA!* E A
DESEDUCAÇÃO ÉTNICO RACIAL.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Educação à distância em Educação das Relações Étnico-raciais, MEC/SECAD e CIPEAD/NEAB da Universidade Federal do Paraná – UFPR, sob a orientação da professora Vanessa Maria Rodrigues Viacava.

CURITIBA
2015

Dedicado a Azoilda Loretto da Trindade
(*in memoriam*) pesquisadora incansável
no tema étnico-racial e que provocou
esta pesquisa, no dia em que proferiu
uma frase em uma palestra na UFPR:
*“Eu não sou aquela negra do
Esquentá!”*.

O segredo do agitador consiste em parecer tão idiota quanto seus ouvintes, de modo que eles acreditem ser tão inteligentes quanto ele.

(Karl Kraus. Aforismos).

É regra invariável do poder que, às cabeças, o melhor será cortá-las antes que comecem a pensar, depois pode ser demasiado tarde.

(José Saramago. Ensaio sobre a Lucidez).

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Universidade Federal do Paraná, responsável pela minha formação na graduação e agora na pós-graduação, ao Setor de Educação e ao NEAB, Núcleo de Estudos Afro Brasileiros, que organizaram o curso de pós graduação em Educação das Relações Étnico-Raciais. A Minha orientadora, prof. Ms. Vanessa Maria Rodrigues Viacava, que contribuiu muito para os acertos desse estudo, além de trazer sua trajetória docente e intelectual para tornar o trabalho melhor referenciado. Ressalto que os eventuais erros são de minha completa responsabilidade.

Agradeço a banca avaliadora desse estudo, composta pela prof. Dr. Nádia G. Gonçalves e pela prof. Ms. e doutoranda Tatiane Valéria R. de Carvalho. Seus olhares atentos e sinceros, como suas críticas e sugestões foram determinantes para clarificar uma série de pontos do texto.

Agradeço o apoio dos amigos, familiares, que mesmo distantes sempre acreditaram em mim. Agradeço aos meus alunos, tanto da iniciativa privada como da pública, que me instigam e provocam diariamente a refletir sobre o mundo, as pessoas, a realidade e a profissão de docente.

Registro um agradecimento especial a Marcos Antonio de França, Adriel Moraes, Oséias Marques Padilha, Vinicius Thomazini, Daniel Gonzaga e Lucas Lipka, componentes do grupo de estudos Leituras Temáticas, desenvolvido na Universidade Federal do Paraná. Os encontros e discussões de quarta-feira à noite sempre foram muito inspiradores. Boa parte desse estudo foi discutido e criticado nesses encontros. Muitas das suas críticas e sugestões contribuíram para melhorar o trabalho e, portanto, suas presenças estão registradas ao longo dessas páginas.

O agradecimento mais especial vai a Francine Cruz, minha esposa, fiel companheira e colega de curso. Sua visão sobre o mundo me faz pensar sobre uma série de dificuldades que preciso superar e o quanto a caminhada conjunta faz muito mais sentido que o andar solitário. Quem caminha junto sempre tem a mão amiga para auxiliar nos momentos de tropeços e quedas, e quando se atinge o sucesso, festejá-lo em conjunto é inenarrável e imensurável.

SUMÁRIO

RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
INTRODUÇÃO	1
1. A INDÚSTRIA CULTURAL E A TELEVISÃO	04
1.1 A Teoria Crítica e o lugar de Theodor Adorno.....	04
1.2 Adorno, a derrota da racionalidade e a Indústria cultural.....	09
1.3 A televisão e a formação da consciência	16
1.3.1 A formação da consciência falsa	20
2. MEDIAÇÃO CULTURAL: REGINA CASÉ E O PROGRAMA <i>ESQUENTA!</i>	22
2.1 As Artes de Criar: Como analisar a TV?	22
2.2 Mediação Cultural: Regina Casé e a manutenção do <i>status quo</i>	26
2.3 A deseducação étnico racial produzida por Regina Case e o programa <i>Esquenta!</i>	29
2.4 A arte de fazer na produção de domínio	34
3. THEODOR ADORNO E A EDUCAÇÃO COMO RESISTÊNCIA: EDUCAR PELA LEMBRANÇA E RECONHECIMENTO DA BARBÁRIE	39
3.1 Educação como resistência não é educação por compromissos.....	43
3.2 A formação étnico racial a partir da educação como resistência	45
3.3 A Educação Emancipatória como superação da deseducação Étnico-Racial .	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
RERERENCIAS	58
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	60
ANEXOS	61

RESUMO

A televisão possui um papel decisivo na formação da consciência das pessoas. Muitos interagem com outras realidades e culturas através do que percebem nas telas. Por outro lado, percebe-se um domínio no aparato televisivo, impactando na consciência das pessoas e no seu modo de viver. Para tanto, os pensadores da Teoria Crítica são referências no estudo acerca das artimanhas que desencadearam o domínio das pessoas no século XX, na propagação da paralisia e aceitação das condições de vida. A informação, o acesso aos bens culturais e materiais, o consumo, não foram suficientes para esclarecerem os indivíduos. Ao contrário, produziram em grande medida seres passivos. Tal fato é reforçado por mediações culturais direcionadas. A partir disso, esta pesquisa analisa a mediação cultural de Regina Casé, apresentadora do programa *Esquenta!!*, da Rede Globo de Televisão. A reflexão é fortuita, pois se acredita na ideia de que, tanto o programa como a mediação de Casé, representam um atraso educativo do ponto de vista étnico racial. O programa é baseado em manifestações que constroem uma consciência falsa, como apontado por Theodor Adorno, em suas análises sobre a produção cultural contemporânea. Esta forma de consciência aceita e reproduz a deseducação étnico-racial. Sua superação demanda uma educação como resistência, isto é, o reconhecimento do fracasso racional com os campos de extermínio e o distanciamento dos projetos de educação focados em compromissos. O antídoto para a deseducação étnico-racial inscreve-se na educação que discute na democracia a própria democracia e o reconhecimento dos seres como participantes.

Palavras chaves: TV. Educação. Étnico-racial. Adorno. Emancipação.

Abstract

Television has a decisive role in shaping the consciousness of people. Many interact with other realities and cultures through that realize the screens. On the other hand, there is a gap area in the television apparatus, impacting the consciousness of the people and their way of life. Therefore, the thinkers of Critical Theory are references in the study about the antics that led to the field of people in the twentieth century, the spread of paralysis and acceptance of living conditions. The information, access to cultural goods and materials, consumption, were not enough to clarify individuals. Unlike produce largely passive beings. This fact is reinforced by targeted cultural mediations. From this, this research analyzes the cultural mediation Regina Casé, host of the *Esquentando* program, the Globo Television Network. Reflection is fortuitous, because it believes in the idea that both the program and the mediation Casé represent an educational backwardness of racial ethnic point of view. The program is based on events that build a false consciousness, as pointed out by Theodor Adorno, in their analysis of contemporary cultural production. This form of consciousness accepts and plays the ethnic-racial miseducation. Overcoming demand an education as resistance, ie, the recognition of rational failure with the death camps and the distancing of education projects focused on commitments. The antidote to ethnic and racial miseducation enroll in education that discusses democracy democracy itself and the recognition of beings as participants.

Key words: TV. Education. Ethnoracial. Adorno. Emancipation

INTRODUÇÃO

A televisão possui um papel decisivo na formação da consciência das pessoas, pois ela continua a ser a grande fonte de informação de boa parte da população. Com o processo de industrialização, desenvolvido no Brasil de modo bastante acelerado na década de 1930 e 1940, até que na década de 1970, com o milagre econômico, a indústria de bens culturais no país se consolida.

Até o início da década de 1980, 73% do total de domicílios brasileiros possuem televisão. Assim, um número significativo de pessoas passou a ter em sua casa uma caixa que emitia som, luz, e imagens em movimento. Um bom número de casas possuía uma “fonte segura” de informações, comunicando-se, mesmo que não fosse de forma recíproca, com o restante do mundo.

Com este acesso das pessoas as TVs, uma infinidade de programas surgiu, muitos com o intuito de informar sobre algum assunto. Um dos trunfos da TV foi colocar informação dentro da casa de milhares de pessoas. Por outro lado, a TV também reproduziu problemas sociais e em muitos casos, asseverou de modo progressivo sua ocorrência. Sendo assim, contribui para o processo educativo das pessoas.

Para Theodor Adorno (2011, p. 75-96), referencial teórico central neste estudo, o conceito de formação em face da televisão possui um duplo significado. Por um lado, a TV está a serviço da formação cultural, por outro, está a serviço de uma deformação da consciência das pessoas, isso porque as pessoas passam um tempo relevante vendo e ouvindo televisão, sem uma postura minimamente crítica sobre o que é vinculado e da forma que é vinculado. Tanto a forma como o conteúdo, são previamente pensados pelas corporações que dominam a TV e negligenciados por uma parcela significativa da população, que aceita passivamente a programação líquida que é vinculada.

A TV em seus bastidores age de forma sutil harmonizando e deformando a vida, para que as pessoas introjetem um realismo ilusório, aceitem-no e se preciso for, o defendam em prol da sua mantenedora. A aceitação do telespectador é gestada, programada, planejada, aplicada e categorizada conforme princípios e interesses previamente determinados.

Todo este aparato de domínio generalizado é desenvolvido pela Indústria cultural, conceito pensado por Adorno e Horkheimer na obra **Dialética do**

Esclarecimento (1947). Os autores elaboram suas reflexões à luz das categorias de totalidade e dialética: a pesquisa social não se dissolve em pesquisas especializadas e setoriais; a sociedade deve ser pesquisada “como um todo” nas relações que ligam uns aos outros: os âmbitos econômicos com os culturais e psicológicos.

A escolha do autor leva muito em consideração seu rigor filosófico e sua ligação direta com a tradição clássica da Teoria Crítica, além da atualidade temática de suas reflexões. É importante ressaltar que existe sim um distanciamento do que a Teoria Crítica dos anos 1940-1950 escreveu sobre televisão e o contexto atual. Tais pensadores fazem parte de um tempo, mas pela originalidade de suas produções se mantêm presentes fornecendo subsídios ainda válidos para o debate sobre a TV e a cultura de massa em pleno século XXI.

A partir desse recorte temático e teórico, o primeiro capítulo desse estudo busca entender como que a indústria cultural desenvolve-se a partir da presença dos televisores na vida das pessoas. Ela é uma das principais produtoras de sentido na vida dos indivíduos ao longo do último século.

A indústria cultural alimenta a todos com a repetição, como se sempre estivesse sido assim, como regra invariável. Desta maneira, desencadeia a construção de uma consciência falsa nos indivíduos, que passam a aceitar passivamente o que diz a TV, a programação pré-estabelecida, a qualidade do conteúdo e os momentos de vinculação de informação. Este desencadeamento da aceitação formata a visão do telespectador, que não vê problemas éticos nas informações transmitidas e, por vezes, aceita como normais uma série de posturas preconceituosas e de deseducação étnico-raciais.

Levando em conta a problematização do conceito de Indústria cultural, a produção da consciência falsa, parte-se ao desenvolvimento do segundo capítulo desse estudo, que tem como objetivo fundamental investigar a hipótese de que Regina Casé e o programa *Esquenta!!* significam manifestações de deseducação étnico-racial.

Para desenvolver a análise da forma e do conteúdo do programa *Esquenta!!*, fez-se necessário recorrer ao conceito de mediação cultural, pois se acredita que Casé desempenhe o papel de interlocutora entre universos socioculturais distantes.

O historiador Michel de Certeau fornece o aparato conceitual no desenvolvimento da investigação sobre as artes de fazer, minuciosamente

organizadas, para incutirem uma participação, que parece não ser efetiva naqueles que estão diante da tela televisiva.

A mediação cultural de Regina Casé, como alguém que estabelece recortes e desenvolve colagens culturais das mais variadas, alicerçada na constituição do programa *Esquenta!*, desencadeiam um processo que impacta a vida dos telespectadores, ao mesmo tempo em que mantém o *status quo* da deseducação étnico-racial. Este estudo corrobora a hipótese de que Regina Casé e o programa *Esquenta!* possuem a representação de deseducação étnico-social no interior da cultura contemporânea brasileira.

Efetivada a análise da mediação cultural, a partir do exemplo de Regina Casé e do programa *Esquenta!*, percebe-se um quadro de efetiva complexidade no que diz respeito à educação que leva em conta o reconhecimento do outro enquanto ser social.

Educar pela diferença, isto é, para que cada um seja visto como ser subjetivo e, portanto, produtor e disseminador de significado de existência, demandam um aparato educativo que ultrapasse as barreiras pedagógicas cotidianas, por vezes centradas nas discussões estritamente teóricas, salvacionistas e idealizadas.

O tema da educação também interessou Adorno, pois o autor via nela uma possibilidade muito fortuita de reconhecimento das barbáries perpetradas ao longo da história, entendendo as diferenças como fundamentos no desenvolvimento das subjetividades.

Educar para Adorno, vai muito além de pensar uma educação que se fundamente em compromissos salvacionistas e idealizadores. Perceber, entender e superar a deseducação étnico-racial exige uma concepção de educação pela resistência, isto é, um verdadeiro desenvolvimento acerca da memória, do desenvolvimento do pensamento autônomo e crítico e, portanto, da efetivação de uma educação emancipatória, tema que será estudado no terceiro capítulo desta pesquisa.

1. A INDÚSTRIA CULTURAL E A TELEVISÃO

1 A Teoria Crítica¹ e o lugar de Theodor Adorno

O grupo de pesquisadores comumente conhecido como integrantes da *Escola de Frankfurt*², em verdade fazem parte de uma proposta maior intitulada de Teoria Crítica³. A ideia de escola transmite um caráter de homogeneidade de pensamento, fator inexistente entre Theodor Adorno, Max Horkheimer, Herbet Marcuse, Friedrich Pollock, Walter Benjamin e Jürgen Habermas, para citar algumas das principais bases de tal corrente. Some-se a isso o fator de que esta escola nunca existiu enquanto instituição propriamente dita.

Falar em Teoria Crítica pressupõe um significado claro de teoria e, de modo mais amplo, a abrangência do que seria crítica para os autores. Levando-se em conta o trabalho de Marcos Nobre (2004) sobre a Teoria Crítica, deve-se de antemão ter o entendimento de que “o sentido fundamental é o de que não é possível mostrar ‘como as coisas são senão a partir da perspectiva de ‘como deveriam ser’; ‘crítica’ significa, antes de mais nada, dizer o que é em vista do que ainda não é mas pode ser.” (NOBRE, 2004, p. 09-10).

Percebe-se claramente um interesse vivaz dos teóricos críticos em problematizarem a realidade, os acontecimentos de modo a desvendarem os aspectos mais intrincados, em busca de compreender as coisas, não apenas pelo viés doutrinário do que são, mas a partir da abertura reflexiva de como se apresentam, deixando espaço para a reflexão de como deveriam ser.

¹ Não é objetivo de este estudo debruçar-se sobre a diferença clássica entre Teoria Crítica e Teoria Tradicional, elaborada em um trabalho de Max Horkheimer que se tornou clássico. Entretanto, cabe apontar que esta diferenciação está presente no texto: HORKHEIMER, Max. **Teoria Tradicional e Teoria Crítica**. Tradução de Edgar Afonso Malagodi e Ronaldo Pereira Cunha. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 117-160. (Coleção Os Pensadores – Benjamin, Habermas, Horkheimer, Adorno.)

² A referência de estudos amplamente aceita sobre a Escola de Frankfurt é a seguinte: WIGGERSHAUS, Rolf. **A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política**. Tradução de Lilyane Deroche-Gurgel e Vera de Azambuja Harvey. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

³ Como não é objetivo desse trabalho focar-se exclusivamente no desenvolvimento da teoria crítica, a fruto de ilustração, cabe ressaltar a importância de dois livros que tratam especificamente do que representou a Teoria Crítica enquanto conduta de pensamento: NOBRE, Marcos. **A Teoria Crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. (Coleção Filosofia Passo a Passo 47); FREITAG, Barbara. **A Teoria Crítica Ontem e Hoje**. 5ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

Nitidamente, os autores de modo geral estão interessados em questionar aspectos fundamentais do mundo e da existência, sem aceitar passivamente uma lógica pré-estabelecida, como se as coisas fossem desta maneira e não pudessem, de forma alguma, apresentarem-se de outro modo. A intenção da Teoria Crítica figura no interesse irrestrito de mostrar sim o que as coisas são e apontar o que as coisas ainda não são e deixar um campo produtivo do que poderiam vir a ser.

A *Escola de Frankfurt* elaborou suas teorias e desenvolveu suas pesquisas à luz das categorias de totalidade e dialética: a pesquisa social não se dissolve em pesquisas especializadas e setoriais; a sociedade deve ser pesquisada “como um todo” nas relações que ligam uns aos outros: os âmbitos econômicos com os culturais e psicológicos.

A Teoria Crítica pretende ser uma compreensão totalizante e dialética⁴ da sociedade em seu conjunto e dos mecanismos da sociedade industrial avançada, a fim de promover sua transformação racional que leve em conta o homem, sua liberdade, sua criatividade e seu desenvolvimento crítico.

Em meio a este desenvolvimento reflexivo encontra-se Theodor W. Adorno, pilar fundamental da Teoria Crítica e uma das mentes mais perspicazes do século XX. Este autor que foi um músico, crítico literário e musical, filósofo, sociólogo debruçou-se de modo exaustivo sobre os problemas que assolaram a humanidade, especialmente o embate entre racional e irracional, presenciado de perto pelo autor

⁴ O conceito de Dialética é amplo e complexo. Ao longo da História da Filosofia, recebeu diferentes significados e aplicações, desde a Grécia antiga em que o conceito começou a ser desenvolvido como arte do diálogo, isto é, “...a arte de, no diálogo, demonstrar uma tese por meio de uma argumentação capaz de definir e distinguir claramente os conceitos envolvidos na discussão” (KONDER, 1981, p. 143), até a idade moderna na qual a dialética receberá outro significado. Na modernidade a Dialética passa a ser o modo de pensar as contradições da realidade, buscando um entendimento mais “alargado” acerca da realidade. Com a Dialética o pensamento moderno interpretará a realidade como composta de uma infinidade de contradições em constante mudança. Esta concepção moderna será muito desenvolvida por Hegel (1770-1831) e depois por Marx (1818-1883) e Lukacs (1885-1971). Ambos os autores serão as bases primordiais para a Teoria Crítica. Para esta corrente de pensamento, trata-se, portanto, de observar a realidade como composta por contradições em constante transformação. Estas contradições precisam ser estudadas no sentido de entender o porquê acontecem, como também, percebendo o que as faz surgir e se manterem. A Dialética é um dos conceitos chaves desenvolvidos pelos mais variados pensadores da Teoria Crítica, com muita ênfase em Max Horkheimer e Theodor Adorno, possuindo uma força própria e característica, como aponta Marcos Nobre: “... nossos autores fazem uma profissão de fé no pensamento dialético. Bem entendido, não à dialética supostamente materialista que se degenerou em religião de Estado no socialismo ‘real’ à moda soviética, mas ao resgate da reflexividade do pensamento, sem perder de vista os conteúdos que a realidade, mediatizada pela ciência sócia crítica, poderia fornecer (ainda no espírito com que Horkheimer iniciou seu período a frente do Instituto para a Pesquisa Social). A potencialidade da dialética como um antídoto à ideologia dominante...”. (DUARTE, 2004, p. 33).

nos anos da Segunda Guerra Mundial. Sua produção⁵ é plural e lança desafios grandiosos, como se percebe no comentário de Alex Thomson:

As obras críticas e filosóficas de Theodor Adorno (1903-1969) são algumas das mais desafiadoras produzidas no século XX, e desafiadoras em dois sentidos: num sentido mais fraco, de que apresentam dificuldades formidáveis de compreensão e interpretação ao leitor, e num sentido mais forte, de que tentam nos forçar a repensar muitas coisas dadas como prontas e acabadas e a questionar a própria possibilidade da filosofia, da arte e da vida moral no mundo contemporâneo. A escrita de Adorno pode muitas vezes parecer obscura, impenetrável, e ameaçadora... Nesse contexto, para que se importar com Adorno? Simplesmente pelo fato de ele ser um dos pensadores mais profundos do século XX, e isso se dá exatamente por sua obra ser difícil, por levantar questões que preferíamos evitar. No cerne de sua obra reside um profundo sentido de ambivalência, sobre a possibilidade da liberdade no mundo contemporâneo⁶.

Adorno discute de forma direta com o racionalismo de Immanuel Kant (1704-1824), por vezes se aproxima e criticamente se distancia da dialética de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), além de relacionar-se de modo direto com a teoria sobre o capitalismo e seus meios de produção desenvolvida por Karl Marx (1818-1883). É um autor facetado e ácido no desenvolvimento de suas ideias. Parte da discussão com os três autores nomeados anteriormente, para desenvolver sua própria filosofia, ou melhor, seu pensamento autônomo sobre a sociedade contemporânea, sobre suas promessas e principalmente, sobre os fracassos da racionalidade que se propunha a emancipar – esclarecer⁷ – o indivíduo, através da luz do pensamento.

O autor entende que o que é tomado pelo ser pensante reflexivo não deve ficar fechado em si mesmo, mas seu privilégio está, se é possível ter algum, na capacidade e vontade criadora de transmiti-lo adiante. (ADORNO, 1983, p. 63). A vontade que guia alguém que pensa a partir de uma intencionalidade dialética, não aceita de forma alguma, fórmulas dadas e fechadas. A reflexão não pode ser uma aceitação passiva de códigos, isto é, pautar-se em uma intencionalidade sempre a mesma.

⁵ Um comentário relevante sobre suas ideias encontra-se em: JAY, Martin. **As ideias de Adorno**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/USP, 1988.

⁶ THOMPSON, Alex. **Compreender Adorno**. Tradução de Rogério Bettoni. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 09. (Série Compreender).

⁷ O tema do Esclarecimento, amplamente proposto pelos pensadores da corrente Iluminista e também abordado por Immanuel Kant, foi matéria de reflexão crítica de Adorno no texto: O Conceito de Esclarecimento, p. 19-111, presente na obra: ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

O querer enquanto desenvolvimento da intencionalidade dialética, acintosamente não deve ser uma pura reprodução da experimentação em relação ao mundo, ou do pensamento e das apreensões sobre o que supostamente representa o mundo. Quem se fecha em um sistema de categorias ou em juízos pré-fabricados esbarra irremediavelmente na expressão, no que diz respeito à pura reflexão idêntica, perpetrada pelo positivismo⁸ e desenvolvida de modo característico pela indústria cultural no século XX.

A filosofia é pensada por Adorno como um acontecimento e, portanto, significa uma reflexão sobre a expressão, a partir da expressão e com a expressão. Refletir a filosofia a partir disso significa conservar o momento mimético, isto é, o acontecimento próprio que dá o tom para a criação artística.

Quando a filosofia busca uma verdade, não consiste esta primeiramente em um ajustar-se de afirmações, juízos ou pensamentos a um conteúdo já dado, mas que se refere melhor ao momento da expressão. Explico isso de maneira um tanto vaga. Entretanto, é melhor expressar algo de modo vago, conveniente e adequado, que preciso, se com isso acaba por falseá-lo. Rogo-lhes encarecidamente que não reprovem tal vagueza, mas que pensem se a vocês não ocorre algo semelhante: a necessidade de dizer. Quase poderia dizer que quer traduzir a dor por intermédio do conceito. A filosofia não é, portanto, um espelho suspenso desde fora que reproduz qualquer realidade, mas somente o intuito de obrigar a objetivar-se a experiência ou este querer dizer⁹.

A inspiração da intencionalidade filosófica se pauta em uma vontade de dizer. De certa forma, o alento filosófico consiste em traduzir a dor por intermédio do conceito. Isso significa que a filosofia não é um espelho, que apenas reflete passivamente uma visão acerca de uma realidade dada. Muito pelo contrário, está em questão à experiência auto reflexiva. A verdade não é um objeto firme que moldamos a partir de referencias e vontade própria, exclusivamente de fins

⁸ São famosas as palestras e discordâncias entre Adorno e Karl Popper acerca do Positivismo. As críticas de Adorno a este tipo de pensamento, como também as falas de Popper, podem ser conferidas no seguinte volume: ADORNO, Theodor W., POPPER, Karl [et. al]. **La Disputa del Positivismo en la Sociología Alemana**. Traducción castellana de Jacobo Muñoz. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1972.

⁹ Na tradução espanhola: Cuando la filosofía busca una verdad, no consiste ésta primariamente en un ajustarse de afirmaciones, juicios o pensamientos a un contenido ya dado, sino que se refiere más bien al momento de la expresión. Explico esto de manera un tanto vaga. Pero es mejor expresarlo de modo algo vago, conveniente y adecuado, que preciso, si con ello se falsea. Les ruego encarecidamente que no me reprochen tal vaguedad, sino que en lugar de ello piensen si en ustedes no ocurre algo semejante: la necesidad de decir... Casi podría decirse que quiere traducir el dolor por el médio del concepto. La filosofía no es, por tanto, um espejo sostenido desde fuera que reproduce cualquier realidad, sino más bien el intento de obligar a objetivarse la experiencia o esse querer decir. (ADORNO, 1983, p. 64).

previamente estabelecidos. Não se pode colocar a expressividade em uma masmorra ou esperar que a “aura da arte”¹⁰ se apresente se a obra de arte não for fruto de um processo de completa autonomia desde seu princípio.

A obra de arte acontece como expressividade se o que pautar o primeiro acorde de uma música, a primeira pincelada em uma tela ou a primeira palavra de um verso poético significarem a completa reflexão libertária. Postular a liberdade como princípio é determinar o fim, isto é, permitir que a vontade do artista e o querer da obra em si, se apresentem sem invólucros. Isso pode ser observado no poema de Manoel de Barros:

O pessoal falou: seu olhar é distorcido.
Eu, por certo, não saberei medir a importância das
coisas: alguém sabe?
Eu só queria construir nadeiras para colocar nas
minhas palavras.¹¹

A indústria cultural¹² além de ser uma produtora de sentidos de modo completo e altamente organizado, seguindo a lógica positivista da matematização do

¹⁰ O tema da aura da arte é desenvolvimento de modo muito contundente por Walter Benjamin, expoente fundamental da Teoria Crítica, especialmente no texto: BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica**. Tradução de Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre; LP&M Editores, 2014. p. 127

¹¹ Poema “Sobre Importâncias” In: BARROS, Manoel. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Antologia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

¹² O conceito de Indústria cultural é desenvolvido por Adorno e Horkheimer na obra *Dialética do Esclarecimento*, no capítulo: “A Indústria cultural. O Esclarecimento como Mistificação das Massas”. Os autores entendem que o advento das tecnologias de reprodução associado aos meios de comunicação de massa estabelece os pressupostos necessários para uma produção de bens culturais sem precedentes e em escala progressiva. Tal atividade é pautada em um intrincado processo muito bem articulado de separação de conteúdos, reprodução, distribuição e reprodução, isto é, um amplo trabalho de publicidade e venda de produtos e bens culturais. A Indústria cultural atende os anseios, mas ao mesmo tempo, lucra e controla socialmente as pessoas, como ressalta Marcos Nobre: “...Adorno e Horkheimer começam por constatar que o declínio da religião não levou ao caos cultural, como se temia, pois o cinema, o rádio e as revistas se constituíram num sucedâneo para ela. O conjunto desses meios, inexistentes antes da virada do século XIX para o XX, forma o que nossos autores batizaram de ‘indústria cultural’ e definiram como ‘falsa identidade do universal e do particular’, ou seja, a aparência de que o indivíduo e o todo se encontram reconciliados quando, na verdade, tal sistema é um poderoso instrumento para – simultaneamente – gerar lucros e exercer um tipo de controle social. Quanto ao primeiro aspecto, a novidade é que a própria cultura, de um modo inédito na história humana, define a si mesma como uma indústria, sendo que a publicação de seus balancetes revelam-na, de fato, como uma próspera atividade econômica. Isso aponta para um fato que os apologistas da indústria cultural não cansam de se lembrar: há de fato uma enorme demanda para os seus produtos e isso legitimaria sua existência. Além disso, a baixa qualidade dos produtos oferecidos pela indústria cultural – em suma, sua padronização - seria também o resultado de necessidades dos próprios consumidores; eis por que os padrões são aceitos por eles sem resistência. Horkheimer e Adorno rebatem esse argumento, dizendo que na verdade, a indústria cultural atende imediatamente a necessidade do seu público, mas de um modo que seus legítimos anseios são apropriados por ela no sentido de cumprir seus objetivos de lucratividade e controle social. Sob esses aspectos, destaca-se na indústria cultural uma hierarquização dos diversos

mundo, constrói importâncias às obras de arte. Tal desenvolvimento representa o completo sufocamento da mimese e da aura de uma obra de arte. Os tribunais da santa indústria cultural confiscam o sentido de cada arte e artista, para diminuí-lo e destrinchar-lhe as partes, no matadouro da produção artística massificada. Sendo assim, a análise de Adorno inscreve-se com atualidade retumbante: “(...)a cultura contemporânea confere a tudo, um ar de semelhança”. (ADORNO, 1985, p. 113).

O louvor do progresso técnico está inclusive impresso nos projetos de urbanização, nos quais os pequenos apartamentos transmitem e tonificam o indivíduo de poder. Em verdade, o mesmo ser está subjugado pelo poderio do capital dominante, que lhe fornece um imóvel com espaço inadequado. Sem muitas alternativas, as pessoas são conduzidas pela mão ao consumo de um produto que efetivamente não dá conta de uma necessidade básica: espaço. Inclusive a necessidade é pensada e determinada pelo domínio industrial, para que os produtos possam responder afirmativamente às necessidades que as pessoas acreditam ser suas.

Desta maneira, a maioria é impulsionada em busca de trabalho e diversão, acabando com a ética da vontade e o fundamento da intencionalidade reflexiva, pautada na liberdade que estabelece o fim e o início. Tanto o trabalho como a diversão passam a produzir incompletude e falsificação, aumentando gradativamente a consciência falsa¹³. A cultura contemporânea sobrevive da semelhança igualando as diferenças a partir de uma síntese identificadora e monocultural. A cultura contemporânea resolve tudo à sombra das cifras e dos projetos da indústria cultural, isto é, abaixo da sombra e do silêncio obsequioso dos consumidores conformados.

1.2 Adorno, a derrota da racionalidade e a Indústria cultural

O ambiente da vida é perpassado por um misto de vontade e intencionalidade nos processos criativos e reflexivos. Criar exige um compromisso ético o qual

produtos quanto à qualidade, no sentido de servir a uma quantificação completa dos seus procedimentos. Distinções que se fazem, por exemplo, entre filmes A ou B, ou entre as histórias publicadas em revistas de diferentes preços, não têm a ver propriamente com seu conteúdo, mas com a classificação, organização e computação estatística dos consumidores”.(NOBRE, 2004, pp. 38-39).

¹³ Na seqüência desse estudo, o conceito de consciência falsa pensado por Adorno será mais bem desenvolvido.

pauta a arte na reflexão autônoma, além de regras e produções puramente industriais. O processo criativo, seja no que diz respeito apenas a arte ou ao sujeito enquanto ser pensante, constrói-se a partir da ruptura e da dialética, no constante e rico embate reflexivo, de descontinuidade do sempre o mesmo, no sentido de superar o “sociologismo barato” que se pauta cegamente nos referenciais coletivos.

O debate acerca do marxismo desenvolvido por Adorno¹⁴, expoente e pilar fundamental da Teoria Crítica, músico, crítico literário/musical, filósofo e sociólogo, por vezes centra-se na apreensão aparente do significado profundo de suas ideias. Adorno foi um seguidor e crítico marxista. A grande diferença entre Marx e Adorno está neste último não ver possibilidade de pensar um sujeito revolucionário a partir de coletivos e das parcelas proletárias.

Quando o marxismo ultrapassa as barreiras da experiência material em direção de tornar-se metafísica, acaba por perder sua legitimidade. Para tanto, é preciso ressaltar que o critério de verdade é mais racional que programático e, portanto, não pode estar subordinado a objetivos revolucionários ou políticos, pois as concepções e distorções ideológicas poluem as ideias de forma irremediável. Assim sendo, a arte não deve ser vista através de uma intenção política consciente, como mera parte de uma ideologia em específico.

A arte¹⁵, para conservar seu caráter mimético,¹⁶ precisa ser mais que simples decadência burguesa e não pode ter como vontade e intencionalidade fundamental a corriqueira adequação ideológica, social e política. A arte deve ser pelo que é enquanto existência autônoma e, de forma alguma, o que o partido ou o coletivo pretende. É a arte que postula sua existência e não as ideologias.

Susan Buck-Morss em seu livro **Origen de la Dialéctica Negativa: Theodor Adorno, Walter Benjamin y el Instituto de Frankfurt** (1981), elabora um comentário e comparação entre Adorno e Benjamin explicitando que;

¹⁴ Destaque para o livro: JAMENSON, Fredric. **Marxismo Tardio**: Adorno, ou a persistência na Dialética. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Unesp/Boitempo Editorial, 2011.

¹⁵ O tema da arte em Adorno é bastante complexo e muito polêmico. Entre os estudiosos do tema no Brasil, destacam-se dois de forma contundente: DUARTE, Rodrigo. **Dizer o que não se deixa dizer**: para uma filosofia da expressão. Chapecó: Argos, 2008. FREITAS, Verlaine. **Adorno & a Arte Contemporânea**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

¹⁶ Para o tema da Mímeses cabe indicar o seguinte escrito: DUARTE, Rodrigo A. de Paiva. **Mímeses e Racionalidade**: A concepção de domínio da natureza em Adorno. São Paulo: Loyola, 1993.

Adorno manteve esta posição na década de 1960, para grande frustração dos novos estudantes esquerdistas: como poderia ter a pretensão de ser um teórico marxista, sem firmar apoio teórico com o proletariado, ou a qualquer outra classe revolucionária? Apesar da aparente contradição, a posição de Adorno tem sua lógica interna, baseada em suas experiências intelectuais, que no ano de 1931 o haviam persuadido de três coisas: que qualquer filosofia, e o marxismo por certo não era uma exceção, perdia sua legitimidade quando saltava as barreiras da experiência material e pretendia alcançar o conhecimento metafísico (tal havia sido a lição do neokantismo de Cornelius); que o critério de verdade era mais racional que pragmático, e que, portanto, a teoria não poderia estar subordinada a objetivos políticos ou revolucionários: e que a arte de *avant-garde*, inclusive o caso da música de Schönberg, que não possuía intenção política consciente, poderia ser mais progressista que simples decadência burguesa: que não era mera ideologia, mas, ao menos potencialmente, também uma forma de esclarecimento¹⁷.

Pelas ideias lançadas por Buck-Morss sobre Adorno e o problema do sujeito revolucionário, percebe-se que sua intenção parece fazer uma diferenciação entre a vontade e a produção artística, para com a política. Adorno foi orientado por Hans Cornelius (1863-1947), um kantiano excêntrico e muito radical, que o influenciou de forma determinante. Adorno lança mão da dialética e de uma postura radical para analisar a sociedade sem fazer construções de sistemas metafísicos como Kant (1724-1804) e Hegel (1770-1831). Um tema forte na produção adorniana é seu esforço em conciliar um compromisso marcadamente marxista, com o esforço metafísico kantiano e a dialética hegeliana.

Por distanciar-se, em certa medida, ao menos no que diz respeito ao sujeito revolucionário, de Marx, Adorno também rompe relações mais diretas com Bertolt Brecht¹⁸, pois não via consciência empírica suficiente nos trabalhadores. Os

¹⁷ Na tradução em espanhol: “Adorno mantuvo esta, posición en la década de 1960, para gran frustración de los nuevos Estudiantes izquierdistas: como podría pretender ser un teórico marxista sin brindar apoyo teórico al proletariado, o a cualquier otra clase revolucionaria? A pesar de esta aparente contradicción, la posición de Adorno tenía su lógica interna basada em sus experiencias intelectuales, que para 1931 lo habían persuadido de tres cosas: que cualquier filosofía, y el marxismo por cierto no era una excepción, perdía su legitimidad cuando saltaba las barreras de la experiencia material y pretendía alcanzar el conocimiento metafísico (tal había sido la lección de neokantismo de Cornelius); que el criterio de verdad era más racional que pragmático, y que por lo tanto la teoría no podía ser subordinada a objetivos políticos o revolucionarios: y que el arte de *avant-garde*, aun que el caso de la música de Schönberg, que no tenía intención política consciente, podía ser más progresista que simple decadencia burguesa: que no era mera ideología sino, al menos potencialmente, también era una forma de esclarecimiento.” (BUCK-MORSS, 1981, p. 71-72).

¹⁸ Adorno em sua Teoria Estética escreve as seguintes linhas sobre Bertolt Brecht: “Brecht não ensinava nada que não pudesse ser reconhecido independentemente de suas peças didáticas ou de forma mais sucinta em sua teoria, nada com o qual seus espectadores já não tivessem por demais familiarizados: que os ricos se saem melhor do que os pobres; que o mundo é injusto; que a opressão persiste em meio à igualdade formal; que a bondade privada é transformada em seu contrário pelo mal objetivo; e que – uma sabedoria certamente dúbia – a bondade requer a máscara do mal. Mas a veemência sentenciosa com a qual ele traduziu em gestos cênicos essas instituições, que não são propriamente novidades, confere à sua obra o tom característico; o didatismo o conduziu a suas invocações dramatúrgicas, que derrubaram a cena moribunda do teatro psicológico e de intriga. Em

proletários tem a consciência truncada da burguesia, são fantoches conduzidos por uma burguesia que produz sua vontade e os produtos para sanar o desejo de consumo, ideia claramente desenvolvida em carta de 18 de maio de 1936¹⁹ e enviada para Walter Benjamin.

A responsabilidade direta sobre o que é produzido para o povo como ciência manipulada, se inscreve completamente na indústria cultural, inviabilizando completamente o pensamento de que a massa tem o que merece. Não resta escolha, pois as pessoas, em geral, não participam do processo de decisão-produção-distribuição dos produtos montados pela indústria cultural. Resta-lhes a participação conformada e a legitimação passiva dos estereótipos produzidos pelos burgueses.

A indústria cultural alimenta a todos com o pão do estereótipo. O que tem maior significado é a repetição, como se sempre estivesse sido assim, desta forma permanecendo e se perpetuando no futuro como regra invariável. A indústria cultural se nutre da ideia de que a roda não deixa de girar, que as mães continuarão a ter filhos, ou seja, se liga a ideia de que sempre haverá nova matéria prima para a manipulação.

Mesmo que as técnicas utilizadas precisem de aprimoramento e aceleração, a certeza da existência de seres a serem dominados, é um dos pilares fundamentais do processo de continuidade. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 139). A indústria cultural tenta combater um inimigo em completos destroços: “O inimigo que se combate é o inimigo que já está derrotado, o sujeito pensante”. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 140).

A indústria cultural não vê o sujeito como sujeito que consome, pois estaria admitindo que este mesmo sujeito seja pensante, isto é, supostamente escolheria o

suas peças[a peça: Santa Joana dos Matadouros é um exemplo claro do que fala Adorno], as teses assumem uma função inteiramente diferente daquela pretendida por seu conteúdo. Elas se tornaram constitutivas; imprimiram no drama um caráter anti-ilusório e contribuíram para a decomposição da unidade de sua teia de sentidos. É isso que responde por sua qualidade, não o engajamento, embora elas estejam presas ao engajamento, que torna seu elemento mimético. O engajamento de Brecht inflige à obra aquilo para o que ela historicamente gravita por si mesma: desmancha-a. No engajamento, exterioriza-se de vários modos, por meio de um crescente controle e domínio técnico, um elemento resguardado na arte. As obras tornam-se para si o que antes foram em si mesmas. A imanência das obras, sua distância quase apriorística da empiria, não existiria sem a perspectiva de um estado de coisas realmente transformado pela práxis consciente de si mesma”. In: ADORNO, Theodor. **Teoria Estética**. Tradução de Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1998, p. 366.

¹⁹ Tal carta consta da correspondência entre Adorno e Benjamin, reunida no seguinte volume: ADORNO, Theodor W. **Correspondência 1928-1940**: Adorno-Benjamin. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Unesp, 2012, p. p. 206-214.

que mais lhe agrada. Ele é visto e transformado em objeto do consumo e, portanto, dominado de todos os lados. É sumária para o domínio a efetivação da ideologia da repetição, na qual desde seu início o sujeito pensante é aniquilado em sua potencialidade, num intrincado processo de desacostumar a pensar e exigir. Quando tal tramite da deseducação se efetiva, não é apenas uma questão linguística de troca de nomes (sujeito para objeto) que se aplica. Nesta alteração invariavelmente a vitória da lógica do capitalismo tardio, que substitui o cérebro ativo por pura deformidade, mantendo apenas o mecanismo de fala, para passivamente dizer: aceito. A partir desse momento, o alimento diário é dosado e cada qual recebe sua porção devida de estereótipo, produzido e requeitado na “panela da mesmice”. O sujeito pensante finalmente está derrotado. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 139-140).

De fato, o que se desenvolve atualmente é uma espécie de Estado de Bem-Estar Social em grande escala. Para afirmar sua própria posição, as pessoas conservam em movimento a economia na qual, graças à técnica extremamente desenvolvida, as massas do próprio país já são, em princípio, supérfluas enquanto produtoras. Os trabalhadores, que são na verdade aqueles que provêem a alimentação dos demais são alimentados como quer a ilusão ideológica, pelos chefes econômicos, que são na verdade os alimentados. A posição do indivíduo torna-se assim precária. No liberalismo o pobre era tido como preguiçoso, hoje ele é tido como suspeito. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 140-141).

A responsabilidade do pensar do sujeito é assumida desde cedo pelos órgãos de controle social: igrejas, clubes e associações profissionais. A partir disso, principalmente nas profissões liberais, os indivíduos são domesticados desde muito cedo a aceitarem os conhecimentos de especialização técnica, como os mais adequados e relevantes. Em contrapartida, tudo o que não segue a lógica do conformismo e ressalta a diferença no pensamento e na execução da carreira profissional inscrevem-se como inúteis para uma lógica e necessidade social especializada. Em verdade, tal pensamento, de forma muito sutil, reproduz invariavelmente e de modo sofrível a vida não criada de seus fiéis.

Não por acaso, a terceira parte do livro *Dialética do Esclarecimento* que trata dos “Elementos do Antissemitismo”, vai focar a mentalidade “por tichet” que caracteriza o homem na sociedade capitalista avançada que já não sabe mais diferenciar e pensa “por blocos”. Esse homem é, como Adorno e Horkheimer escreveram, “inimigo da diferença”. Auschwitz seria a concretização paroxística desse sentimento que está umbilicalmente vinculado ao gesto do esclarecimento que quer submeter o outro a todo custo. Daí a tese central

daquele livro que vê no mito um primeiro passo em direção ao domínio da natureza e no esclarecimento (do qual o iluminismo representou apenas um momento de “glória”) uma recaída no mito.²⁰

Muitas das novas propostas educacionais que se estruturam a partir do positivismo cientificista categorizando em estatísticas o aprendizado, fatiando o processo de aprendizagem do sujeito em partes desconexas, numericamente atrativas na forma e sem sentido no seu conteúdo, constroem a mentalidade por blocos, assassinando com “arma branca” o pensamento autônomo. Torna-se proibido pensar de modo diferenciado, ou seja, dialético.

A racionalização do mundo prometida pelos pensadores iluministas²¹, como parte do esclarecimento dos indivíduos, democratizando espaços reflexivos, mostrou-se um completo retrocesso ao mito, na concretização do campo de concentração. Auschwitz representou a derrota da racionalidade e do sujeito pensante, submetido ao julgo do calculismo desenfreado, da política de elite e da segregação racial.

Como pensar a arte após a experiência do holocausto? Como falar de ética? Princípios? Essa realidade histórica manchou de derrotismo a racionalidade humana, demonstrando sua anemia quando se trata de falar de ética e convivência com o outro. Para Adorno, após Auschwitz, todo o processo de criação tem a incumbência de carregar o defunto da derrota.

O diagnóstico de época de Adorno de forma alguma se fecha em um sistema de completo negativismo, pelo contrário, ressalta que as possíveis criações pós o período traumático da Segunda Guerra Mundial, devem encarar a derrota da racionalidade, além de resistir a partir do pensamento²², aliado a uma educação contra a barbárie, que elabore o passado (um passado reconhecido), através de uma educação emancipatória²³, muito além do esclarecimento prometido e não cumprido pela mitologia e ilustração moderna. (ADORNO, 2011).

²⁰ SELLIGMAN-SILVA, Márcio. **A atualidade de Walter Benjamin e Theodor W. Adorno**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 87-88.

²¹ Entre esses pensadores estão: John Locke, François Marie Arounet Voltaire, Charles de Secondat Montesquieu e Jean-Jacques Rousseau.

²² O tema da educação como resistência será estudado no terceiro capítulo desse escrito.

²³ Pensar uma educação emancipatória traz um questionamento direto: falar em educação não é necessariamente estar falando em emancipação, isto é, como conceber a educação se não for uma educação que conduza o indivíduo para um pensamento autônomo? No terceiro capítulo deste trabalho, o tema da educação emancipatória será tratado de forma mais precisa. De imediato cabe ressaltar que a educação não é necessariamente emancipatória. A educação pode se efetivar como

Wolfgang Leo Maar, tradutor de Adorno no Brasil, em sua introdução a obra **Educação e Emancipação** (2011), expõem de modo contundente este ponto acerca da educação:

A educação não é necessariamente um fator de emancipação. Numa época em que educação, ciência e tecnologia se apresentam – agora “globalmente”, conforme a moda em voga – como passaportes para um mundo “moderno” conforme os ideais de humanização, estas considerações de Theodor W. Adorno podem soar um melancólico desânimo. Na verdade significam exatamente o contrário: a necessidade da crítica permanente. Após Auschwitz, é preciso elaborar o passado e criticar o presente prejudicado, evitando que este perdue e, assim, que aquele se repita. O filósofo alerta os educadores em relação ao deslumbramento geral, e em particular o relativo à educação, que ameaça o conteúdo ético do processo formativo em função de sua determinação social. Isto é, adverte contra os efeitos negativos de um processo educacional pautado meramente numa estratégia de “esclarecimento” da consciência, sem levar na devida conta a forma social em que a educação se concretiza como apropriação de conhecimentos técnicos. (MAAR, 2011, p. 11)

A educação enquanto emancipação precisa duvidar da substituição do valor de uso dos bens culturais, pelo puro valor de troca. Ao invés do deleite prazeroso, busca-se a informação como uma conquista necessária de qualquer modo. O conhecimento, tarefa de exigência, domínio e reflexão própria é substituído pelo prestígio da ocorrência rasa.

Tudo passa a ter uma finalidade completamente outra, avessa a autonomia do bem cultural. Um filme é visto não pelo que ele representa, mas por informar e servir de base para alguma coisa outra que não ele mesmo. Tudo passa a ter seu valor mensurado pelo seu grau de troca, e não pelo valor que possui em si mesmo. Desta forma, o caráter mercantil da arte se desvanece ao mesmo tempo em que atinge a completude dos propósitos burgueses. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p, 148). A falta de sentido nas produções da indústria cultural faculta seu poder sobre os seres, que são tragados e ligados aos grilhões das grandes corporações através da publicidade.

Cabe à filosofia e à educação, como um todo, observarem as coisas como elas se apresentam, a partir da ideia de redenção. Necessita-se um olhar sincero a partir dos problemas percebidos, sem violência e contornos. A tarefa do próprio pensamento se inscreve na abertura de olhar sincero, como se evidencia no texto final da **Minima Moralia** (1951) de Adorno:

domínio, isto é, reproduzindo modelos e impedindo o desenvolvimento do pensamento criativo, discordante e dialético. Falar em pensamento autônomo é tratar de dialética.

Da filosofia só cabe esperar, na presença do desespero, a tentativa de ver todas as coisas tal como se apresentam do ponto de vista da redenção. Não tem luz o conhecimento senão aquela que se irradia sobre o mundo a partir da redenção: tudo mais se esgota na reprodução e se limita a peça da técnica. Caberia construir perspectivas nas quais o mundo se ponha, alheado, com suas fendas e fissuras à mostra tal como alguma vez se exporá indigente e desfigurado à luz messiânica. É na capacidade de obter essas perspectivas sem arbítrio e violência, inteiramente a partir do sentimento dos objetos, que, só nela consiste a tarefa do pensamento²⁴.

A luz do conhecimento sincero se apresenta como reconhecimento direto da derrota da racionalidade humana, ou seja, é necessário um estágio na reflexão, que assuma as fragilidades da investigação racional, assumindo de forma aberta o peso da responsabilidade pelo reconhecimento histórico. A construção de perspectivas se efetiva na possibilidade de reconhecimento do mundo tal como se apresenta, estabelecendo a alternativa para que o mundo se mostre de modo completo.

Ao pensamento, então, cabe contribuir para que a construção dessas perspectivas se efetive de modo livre e direto. O pensamento deve pautar-se no reconhecimento da história e na liberdade reflexiva, que se constitui pelos processos dialéticos. O pensamento e a educação não podem se fechar em um condicionamento ou reprodução do social, como fato incontestável. Tanto o pensamento, como a educação e a sociedade, devem ser vistas a partir de o seu devir, isto é, através de um movimento próprio e não formatado em categorias previamente determinadas. Somente através do devir é possível lançar mão de alternativas de real emancipação, que questionem a paralisia e a deseducação perpetrada na sociedade, especialmente pelo ambiente televisivo.

1.3 A televisão e a formação da consciência

Nas páginas que antecedem, foi dito que Adorno teve que se exilar, juntamente com seus colegas de Instituto de Pesquisa Social, em outros países e por final nos Estados Unidos, para fugir do domínio nazista na Alemanha. Foi nos EUA que Adorno e seus colegas procederam a muitas pesquisas de caráter sociológicas e filosóficas acerca da cultura e da televisão.

²⁴ ADORNO, Theodor W. **Minima Moralia**. Tradução de Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Azougue, 2008.

Para o estudo da televisão e a formação da consciência, este trabalho segue o debate²⁵ realizado por Theodor Adorno e Hellmut Becker. O texto ficou amplamente conhecido como **Televisão e Formação** (1963) e fornece subsídios teóricos fundamentais para a reflexão sobre o assunto. Seus estudos sobre a televisão foram desenvolvidos de modo analítico, buscando entender o conceito de formação em relação à televisão.

Por um lado é possível referir-se à televisão enquanto ela se coloca diretamente a serviço da formação cultural, ou seja, enquanto por seu intermédio se objetivam fins pedagógicos: na televisão educativa, nas escolas de formação televisivas e em atividades formativas semelhantes. Por outro lado, porém, existe uma espécie de função formativa ou deformativa operada pela televisão como tal em relação à consciência das pessoas, conforme somos levados a supor a partir da enorme quantidade de espectadores e da enorme quantidade de tempo gasto vendo e ouvindo televisão... como sociólogo da educação, preocupei-me mais com os efeitos de transmissões sem objetivo educacional explícito, principalmente encenações televisivas. (ADORNO, 2011, p. 76).

Para Adorno, o conceito de formação em face da televisão possui um duplo significado. Por um lado, a TV está a serviço da formação cultural, por outro está a serviço de uma deformação da consciência das pessoas, isso porque as pessoas passam um tempo significativo vendo e ouvindo a televisão, sem uma postura minimamente crítica sobre o que é vinculado e da forma que é transmitido. Tanto à forma como ao conteúdo, são negligenciados pela TV e pelas pessoas, que aceitam a programação imposta pelas grandes corporações televisivas como se ela fosse a melhor forma e mais adequada a todos. Em verdade, há uma manutenção muito generalizada do *status quo* da realidade, da falta de ética, da educação não reflexiva e da deformidade de consciência.

Adorno deixa claro no texto que sua crítica em relação à TV não é de contrariedade, pelo contrário, ele questiona o uso que se faz da televisão como se percebe:

(...) não sou contra a televisão em si... suspeito muito do uso que se faz em grande escala da televisão, na medida em que creio que em grande escala da televisão, na medida em que creio que em grande parte das formas em que se apresenta, ela seguramente contribui para divulgar ideologias e dirigir de maneira equivocada a consciência dos espectadores. (ADORNO, 2011, p.77).

²⁵ O debate foi transcrito e encontra-se, juntamente com outros textos, no livro **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

A TV representa uma referência forte na vida das pessoas, pois ocupa o espaço de confiabilidade e transmite informações que desempenham utilidade prática e diária na vida das pessoas. Entretanto, o uso que se faz da TV é o que desperta a desconfiança em Adorno. Para o autor, tal veículo contribui em muito para a manutenção e divulgação das mais diversas formas de ideologias. Isso não possui um problema intrínseco. O que causa estranheza é a disseminação de ideologias de âmbito machista, sexista, racista, ou seja, ideias que contribuem apenas para a deseducação dos telespectadores e para a manutenção da realidade, como um fato incontestável.

Este tema implica na real modernidade existente na televisão. A TV realmente é moderna, ou modernas são as formas de transmissão? Não será o conteúdo televisivo, uma reprodução do que se apresente estereotipado, ultrapassado e pouco produtivo de outras épocas? A modernidade da TV pode estar intrinsecamente ligada à pura técnica de transmissão²⁶, sem uma reflexão séria acerca do conteúdo e da forma dos programas. A grande questão seria refletir se a televisão é fruto da consciência elaborada e desenvolvida ou uma pura reprodução aproximada daquilo que alcança números altos, seja nas estatísticas de audiência ou como lucro da indústria televisiva.

Levando em conta a análise de Adorno, a televisão está menos ligada à formação das pessoas. Em verdade, vincula informações que não levam em conta cuidados observados quando se pretende formar alguém. Desta maneira, o autor defende que as pessoas não devem evitar ver TV, logo os discursos negativistas contrários à TV acabam por ser vazios. Pelo contrário, as pessoas precisam aprender a ver o que é vinculado pelo meio televisivo, ou seja, assistir sem ser iludido, sem aceitar passivamente uma realidade ou uma ocorrência como verdadeira desde seu início. Por ser um meio que vincula informações, as mesmas

²⁶ No Brasil as emissoras falam muito das grandes melhorias que serão conseguidas com a mudança da transmissão analógica para a digital. Entretanto, tais ganhos parecem ser puramente técnicos, no que diz respeito à qualidade de imagem e som. Não se fala em melhorias na qualidade de conteúdo e na forma de organização da programação. Desta maneira, a técnica mudará completamente, mas o conteúdo que causa impacto direto e determinante nas pessoas permanecerá o mesmo. Entretanto, é importante ressaltar que a televisão pública pode representar um “veio reflexivo”, que não está subordinado aos ditames da grande indústria televisiva privada, no que diz respeito ao conteúdo transmitido e a organização da programação. A TV pode representar um importante canal de informação, em um fortuito espaço de entretenimento. É necessário pensar com muita atenção no conteúdo da informação e na superação do entretenimento grotesco, exagerado e preconceituoso.

informações também são direcionadas levando em conta os interesses das grandes corporações televisivas.

Adorno estabelece de forma precisa este “aprender a ver a televisão” como um aprender a fazer desde seu início, isto é, um desenvolvimento crítico que postula seu início e, portanto, o fim ao mesmo tempo. Uma vez posto uma reflexão crítica, o antídoto audiovisual e de pensamento se desenvolve sem estar preso a categorias que fundamentam o sempre o mesmo. Quem aprende a ver TV não se subordina passivamente a este mecanismo. O pensamento crítico mune as pessoas para tratarem da ideologia com fundamentação e olhar amplo, não aceitando passivamente as identificações e falsidades travestidas de verdade. O olhar crítico percebe as falsidades problemáticas da ideologia publicitária. (ADORNO, 2011, p. 79-80).

Os veículos de comunicação sustentam-se pela grande quantidade de publicidade, dos mais variados produtos. A publicidade penetra em todos os ambientes, não estando apenas nos espaços para comerciais. Durante grande parte da programação televisiva, espaços significativos em meio a informações são destinados para apresentar produtos e ressaltar a felicidade que seu consumo porta. “Os trens do riso” são solicitados para mostrar as pessoas que a vida fica muito mais fácil de ser vivida se determinado produto for comprado e consumido.

O reforço publicitário é amparado pelas promessas de sorteios milionários, bastando apenas às pessoas comprarem o produto e cadastrarem o código de barras de cada produto na promoção, normalmente em ambiente virtual. O que a maioria das pessoas não percebe é que com estes cadastros, as empresas têm plena consciência das regiões que mais consomem o produto e, portanto, destinam os sorteios para que os ganhadores sejam dessas regiões.

Isso desempenha um papel determinante na mente das pessoas, pois o fato de saber que alguém próximo, mesmo que da cidade vizinha ganhe a promoção, desperta uma reincidência na compra e uma esperança de um sorteio futuro, mas a garantia de que isso realmente irá acontecer não é visto e o fato de que é preciso comprar apenas um produto para ganhar também não é observado. Como não sabem ver a TV, as pessoas acabam por cair na ilusão publicitária da quantidade e entendem que a quantidade lhes trará maiores chances. Em verdade, a chance de quem adquire um produto e adquire vinte é a mesma. Sendo assim, por trás da

publicidade e da organização da TV está uma concepção ideológica que determina o olhar de quem está diante das telas.

1.3.1 A formação da consciência falsa

As reflexões adornianas entendem a TV como ideologia²⁷, isto é, como uma tentativa de impor nas pessoas uma falsa consciência e um distanciamento da realidade, com a proposta de programação que ilusoriamente atenuam as dificuldades da vida das pessoas, construindo uma consciência falsa e conformada.

[...] compreendo “televisão como ideologia” simplesmente como o que pode ser verificado, sobretudo nas representações televisivas norte-americanas, cuja influência entre nós é grande, ou seja, a tentativa de incutir nas pessoas uma falsa consciência e um ocultamento da realidade, além de, como se costuma dizer tão bem, procurar-se impor às pessoas um conjunto de valores como se fossem dogmaticamente positivos, enquanto a formação a que nos referimos consistiria justamente em pensar problematicamente conceitos como estes que são assumidos meramente em sua positividade, possibilitando adquirir um juízo independente e autônomo a seu respeito. Além disso, contudo existe ainda um caráter ideológico-formal da televisão, ou seja, desenvolve-se uma espécie de vício televisivo em que por fim a televisão, como também outros veículos de comunicação de massa, converte-se pela sua simples existência no único conteúdo da consciência, desviando as pessoas por meio da fatura de sua oferta daquilo que deveria se constituir propriamente como seu objeto e sua prioridade. Esta espécie de instrução para ver tevê que constitui a sua sugestão, senhor Becker, deveria imunizar tanto quanto possível as pessoas em relação a esse caráter ideológico desse veículo de comunicação, antes de se referir a qualquer outra ideologia em especial. (ADORNO, 2011, p. 80).

²⁷ O conceito de Ideologia recebeu diversas significações ao longo da história das ideias, sendo retrabalhado nas mais diversas áreas. Como apontado por CHAUI (1981, p. 76), o termo aparece pela primeira vez em 1801 no livro de Destutt de Tracy, **Éléments d'idéologie** (Elementos de ideologia). Juntamente com outros estudiosos, Tracy pretendia elaborar um amplo estudo sobre a gênese das ideias, entendendo-as como fenômenos naturais que explicitam a relação do corpo humano, entendido como organismo vivo em relacionamento com o meio ambiente. Para o autor as ideias são formadas a partir das faculdades humanas: querer (vontade), julgar (razão), sentir (percepção) e recordar (memória). Desta maneira, percebe-se que a ideologia trata de uma vontade humana que desenvolve julgamentos, no sentido de perceber e recordar as ideias que desempenham o papel de fundamentos. Cabe ressaltar, que existe um lado pejorativo da Ideologia, no qual ocorre um desenvolvimento metafísico que almeja aproximar-se às causas primeiras, fundamentando os pressupostos necessários e inquestionáveis, para legislar sobre diversos povos. Este lado pejorativo da ideologia foi apontado por Napoleão Bonaparte, num discurso ao Conselho de Estado em 1812. Esta polarização entre a ideologia como estudo ou ciência das ideias e o lado pejorativo explicitado pelos ideólogos, como juízes que invertem as relações entre as ideias e a realidade, foram as bases para os desenvolvimentos do tema por Karl Marx e sua ampla teoria acerca do Capital. Auguste Comte também se apropriou dos desdobramentos acerca do termo, para construir suas reflexões sobre o positivismo. A partir disso, o termo ideologia foi retrabalhado de forma muito diversa e polêmica pelas mais variadas linhas de pensamento no século XX, sendo muito forte a concepção de ideologia que leva em conta os desdobramentos da teoria marxista.

A positivação de valores que moralizam a população em um vazio de existência é a principal ferramenta da consciência falsa. Esta positivação transmite uma visão de realidade que exclui qualquer aspecto destoante, no intuito de manter uma ideia sempre a mesma de realidade, detalhe também observado por Adorno no seu texto sobre a indústria cultural. Isso converge com a concepção da derrota do sujeito pensante, com a naturalização do domínio e da reprodução puramente harmoniosa da vida conformada. Tais fatos aniquilam a problematização de qualquer aspecto e formatam a existência e o pensamento das pessoas abaixo de uma concepção de reprodução da vida.

A responsabilidade pessoal do sujeito que pensa é assumida desde cedo pelos órgãos de controle social. A domesticação se torna uma regra e a face clara da positivação de valores ideológicos. Isso vai ao desencontro dos juízos independentes e autônomos, além da proibição indireta da criação. Quem acha que cria, em verdade, reproduz o que é possível ser feito no interior dos modelos previamente estabelecidos. A liberdade da criatividade é suprimida em nome de uma formalização determinada pelos poderes da indústria cultural.

A fartura da oferta de programação reforça a consciência falsa de que cada um pode escolher o melhor para si. Em verdade, as pessoas participam a partir da oferta estabelecida de cima para baixo em uma escala de domínio. Desta maneira, apenas uma possibilidade de consciência é criada e os aspectos de autonomia são aniquilados em nome da manutenção do mesmo. A consciência falsa é regida pela superficialidade das ações e dos pensamentos, pela criação da aceitação compassiva e pelo silêncio obsequioso de uma massa amorfa e destituída de criticidade. Em outras palavras, são muitos, mas com a mesma a face reproduzida infinitamente.

A ideologia da indústria cultural e a consciência falsa se apresentam como discurso vago e descompromissado. Sua aversão a fixar-se em algo que não se deixa verificar funciona como um instrumento de dominação. A partir da ideologia, como descompromisso dominador, a indústria cultural aparece como um profeta irrefutável acerca da ordem existente, que dissemina a mensagem sintetizada da consciência falsa.

2. MEDIAÇÃO CULTURAL: REGINA CASÉ, O PROGRAMA *ESQUENTA!* E A DESEDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL

Para o desenvolvimento desse trabalho, optou-se por uma análise da forma e do conteúdo do programa *Esquenta!*, levando em consideração seus idealizadores²⁸, focados na figura de Hermano Vianna e da apresentadora Regina Casé. Acredita-se que ambos são os responsáveis pela forma e conseqüentemente o conteúdo do programa *Esquenta!*, da Rede Globo de Televisão.

Hermano Vianna nasceu em João Pessoa em 1960. É antropólogo, pesquisador musical e também roteirista para a televisão. Autor dos livros: **O Mistério do Samba** (Zahar, 1995) e **O Mundo Funk Carioca** (Zahar, 1988) é também responsável pelo projeto de criação de vários programas televisivos. Entre eles estão: *Central da Periferia*, *Brasil Legal*, *Programa Legal* e o programa *Esquenta!!*

Regina Maria Barreto Casé nasceu em 1954 no Rio de Janeiro. É atriz, comedianta e apresentadora de TV. Possui uma farta carreira teatral, de atuação em novelas e no cinema. Ficou amplamente conhecida no país com participações em programas com objetivo humorístico. Idealizou juntamente com Hermano Vianna o *Programa Legal*, que foi premiado pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) na categoria humor. Desde 2011, Regina Casé apresenta o programa *Esquenta!*, da Rede Globo de Televisão.

2.1 As Artes de Criar: Como analisar a TV?

As linhas desenvolvidas no capítulo anterior desse estudo orientaram-se pelo pensamento elaborado por Theodor Adorno, pilar fundamental da Teoria Crítica, grupo de pensadores que se reuniam em torno do Instituto de Pesquisa Social em Frankfurt, para refletir acerca de muitos temas, inclusive o da televisão.

²⁸ Em um primeiro momento, pensou-se em realizar uma decupagem de dois programas do *Esquenta!*, para analisar a deseducação Étnico-Racial no desenrolar da organização interna da atração, como a organização das matérias, escolha dos personagens, forma a ser trabalhada e intencionalidades por trás do conteúdo transmitido. Entretanto, por questões metodológicas, optou-se por focar a análise na mediadora cultural Regina Casé e Hermano Vianna, na defesa da ideia que a deseducação que se percebe na forma e conteúdo do programa *Esquenta!* derivam da produção dada ao programa, especialmente através dos idealizadores e da apresentadora que faz com que o programa aconteça.

Como se observou, o tema da TV foi desenvolvido por Adorno de forma contundente. Para o autor, a televisão pode ser um importante instrumento a ser utilizado na formação das pessoas, mas há um lado problemático que contribui para a constituição de uma consciência falsa²⁹. Sendo assim, a superação disso se daria por uma educação que ensinasse como se deve ver televisão, apresentando de forma dialética e dialogada a constituição clara das programações e das intenções de quem assina a produção.

Não restam dúvidas que apontar para intenções em programações de televisão ou de outros meios de transmissão pode ser arriscado, visto que é muito difícil precisar com completa certeza como se constituiriam tais intenções. O olhar do pesquisador acaba por ser um olhar de alguém que não participa do processo, mas, ao contrário, busca entender como se desenvolvem os desdobramentos e a partir disso, fazer uma leitura das intenções que abrangem toda a orquestração televisiva.

O pensamento de Michel de Certeau³⁰ configura-se como elemento central para a discussão a ser desenvolvida especificamente neste segundo capítulo. Certeau acredita que a constituição da cultura em uma sociedade tem como problemática central da criação.

O que criar e como criar? São questões basilares a todo mediador cultural que pretende desenvolver, de alguma forma, algo que impacte na vida das pessoas, seja para torná-las seres emancipados, isto é, seres pensantes que não aceitam de modo passivo as imposições de modelos previamente definidos, ou, por outro lado,

²⁹ Aspecto específico desenvolvido no ponto 1.3.1 do primeiro capítulo.

³⁰ Luce Giard, pesquisadora muito próxima de Certeau, diz o seguinte em sua apresentação para a obra *Invenção do Cotidiano I*: “Michel de Certeau é um desses espíritos anticonformistas e perspicazes. No cenário intelectual, é personagem especial, inconformado com os cânones de uma disciplina rígida, e cuja irradiação intelectual segue caminhos estranhos à lógica das instituições, quer estas se achem ligadas à Universidade, a Igreja ou ao Estado. Historiador conhecido, respeitado por sua produção científica sobre a mística e as correntes religiosas nos séculos XVI e XVII, é também temido por sua crítica exigente e lúcida da epistemologia que governa em silêncio a profissão de historiador. É censurado por relativizar a noção de verdade, por suspeitar da objetividade das instituições do saber, por sublinhar o peso das dependências e das conviências hierárquicas e, enfim, por colocar em dúvida modelos recebidos que fazem a fama da escola francesa de história. Logo o censurarão por dar a primazia à escrita em detrimento da apreensão do ‘real’ de que o historiador quer dar uma descrição ‘verdadeira’. Não se interessa demais pela leitura semiótica ou psicanalítica das situações e dos textos, coisa estranha ao bom método histórico e que danificam o ideal (sagrado) de fixação a partir do arquivo, de acumulação de uma (impossível) documentação exaustiva? Censuras repetidas, censuras injustas e que se irritam por serem tais, pois nenhum dos pontos em litígio consegue vê-lo falhar na sua prática profissional... Certeau ‘sabe fazer o jogo de todas as palavras e assumir sucessivamente todas as linguagens. Ele é sucessivamente historiador da medicina e da sociedade, teólogo, psicanalista, quantificador, discípulo de Freud ou Foucault’... ‘nunca baixa a guarda. Mantém-se indecifrável”. GIARD, Luce. **História de uma Pesquisa**. In: CERTEAU, Michel. *Invenção do Cotidiano: Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 09-10.

como simples manifestação da repetição dos nomes já dados, das vidas vividas e das existências estabelecidas. Ainda, Certeau “(...) procurou não propor soluções, nem apresentar um diagnóstico definitivo que encerrasse o futuro, mas sobretudo compreender o que estava acontecendo” (GIARD, 1998. p. 9-10).

Neste aspecto, parece que há uma similaridade no modo de proceder de Theodor Adorno, pensador central para o primeiro capítulo desse trabalho e Michel de Certeau. Delineado que ambos os autores possuem peculiaridades, além de diferenças reflexivas entre si muito fortes, tanto um como outro estavam incomodados com cenários complexos dentro da sociedade e da produção cultural.

Não está em questão o encerramento de pesquisas em sombras confortáveis de tabelas estatísticas, como tenta fazer crer a educação positivista, muito menos uma interpretação da realidade fechada e acabada, como um invólucro incontornável e completamente previsível. É claro que para Adorno interessa saber o porquê do processo de emancipação não aconteceu e continua a não acontecer. Já para Certeau, está em jogo entender os motivos, as intenções e os processos que fundamentam a cultura e a sociedade como um todo.

Na primeira parte de **Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer** (1990), Certeau estabelece uma crítica contundente sobre as estatísticas. Elas apreendem o material de determinadas práticas, mas não dão conta de captar sua forma. A sondagem estatística só capta aquilo que é homogêneo, reproduzindo o sistema que disponibiliza tal homogeneidade.

Resta ao heterogêneo o ostracismo, a não classificação, ou seja, o não aparecimento como existência numérica. Para uma sociedade e concepções de mundo que levam em conta a categorização matemática, não se apresentar como parcela numérica em uma tabela significa a completa inexistência. O autor se precavê dissipando qualquer equívoco sobre suas reais intenções com suas pesquisas. Em verdade, parece propor algumas maneiras de pensar como que as práticas cotidianas dos consumidores se desenrolam.

A questão que trata das estatísticas e do registro numérico no contexto desse estudo, inscreve-se na dificuldade de análise das intenções que se escondem por trás das aparências da produção televisiva e da mediação cultural. Como debruçar-se sob um objeto de estudos que não pode ser captado e registrado com completa clareza? Para Adorno, uma alternativa a problemática da análise pode ser superada através do método *Content Analysis*.

O método mais plausível efetivamente é o *content analysis* [análise de conteúdo], ou seja, a análise dos próprios fenômenos, em que seria possível inferir mais ou menos o significado das conseqüências dos fenômenos para as pessoas, mesmo que este efeito não possa ser registrado. Nesta medida gostaria de chamar atenção para que não se veja isoladamente a televisão, que constitui somente um momento no sistema conjunto de cultura de massa dirigista contemporânea orientada numa perspectiva industrial, a que as pessoas são permanentemente submetidas em qualquer revista, em qualquer banca de jornal, em incontáveis situações da vida, de modo que a modelagem conjunta da consciência e do inconsciente só pode ocorrer por intermédio da totalidade desses veículos de comunicação de massa... Mas um ponto é fundamental: o fato de não podermos demonstrar com precisão como essas coisas funcionam naturalmente não significa uma contraprova desse efeito, mas apenas que ele funciona de modo imperceptível, muito mais sutil e refinado, sendo por isto provavelmente muito mais danoso. (ADORNO, 2011, p. 88).

Qualquer reflexão que se pretenda, no que diz respeito à produção cultural de massa, deve de antemão encarar a dificuldade de pesquisar um objeto que não se apresenta claramente. Registrar todos os meandros que envolvem o processo é complexo, pois as decisões tomadas no âmbito produtivo da cultura de massa passam ao largo da opinião dos principais atingidos nesse processo: a população em geral. Em grande medida, a produção é definida no interior dos escritórios e posta a rodar pelos mediadores culturais, isto é, personalidades comprometidas com ideias e reflexões de cunho abrangente, mas que tomam caminhos muito tortuosos no decorrer da produção cultural e televisiva.

Para Gilberto Velho “Os artistas constituem um exemplo significativo da crescente importância das ideologias individualistas,”³¹ ou seja, o meio artístico que está intrinsecamente ligado às produções e mediações culturais fortalece cada vez mais as “ideologias individualistas”, deposita em um salvador da pátria³², em uma personalidade que se acredita possuir poderes sobrenaturais, toda as alternativas possíveis para a sociedade e uma realidade de domínio e sofrimento. Os artistas representam esferas que são divinizadas e, portanto, seu poder sobrenatural se

³¹ VELHO, Gilberto. **Biografia, trajetória e mediação**. In: VELHOR, Gilberto (org.) [et. al]. *Mediação Cultural e Política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001, p. 14-28.

³² Regina Casé pode ser vista como uma dessas personalidades. Em seu contexto, figura como uma justiceira em nome da “democracia racial”, ou seja, trata do tema do racismo, do preconceito, da exclusão, mas sempre relacionando a sua pessoa, como se representa-se a referência primordial do tema no interior da Televisão. O grande problema é que esta defesa da democracia racial é um eco de uma noção de sociedade que coloca o negro como ser inferior, ambulante, favelado, pobre ou ainda, associado a profissões artísticas como o dançarino, o cantor de samba e pagode, o atleta, deixando de transmitir a ideia de que o negro também é um ponto de existência, isto é, um produtor cultural e um disseminador de ideias.

apresenta no programa televisivo produzido, na música cantada, no livro escrito, etc. Tocar o artista significa tocar a esperança de um futuro melhor.

2.2 Mediação Cultural: Regina Casé e a manutenção do *status quo*

A mediação cultural difunde práticas e valores que são aceitos por uma cultura, disponibilizando formas de pensamento, ao mesmo tempo em que mescla aspectos de outras culturas. Para o historiador Michel Vovelle: “personagens que, na dialética entre cultura erudita e popular transitam entre meios culturais distintos, ocupando inevitavelmente posições ambíguas.”³³

O mediador cultural, portanto, consegue desenvolver-se enquanto personalidade, na teia que representa a cultura, realizando colagens, relações e, principalmente, conseguindo reciprocidade do público que o assiste ou vê. O mediador cultural por meio de seu trânsito, de sua cultura, valores, viagens e relações, acabam por difundir práticas. Muitas delas são manifestações de completa identidade brasileira, como é o caso de grupos capoeiristas e das empregadas domésticas. (VELHO, 2001, p. 23).

O mediador cultural tem por excelência a existência como relação de troca, isto é, traz informações e procura traduzir e interpretar preferências e padrões de mundos distintos. Como aponta Gilberto Velho:

Através da mediação fronteiras são cruzadas e mesmo flexibilizadas transformando padrões tradicionais de relacionamento... A possibilidade de lidar com vários códigos e viver diferentes papéis sociais num processo de metamorfose dá a indivíduos específicos a condição de mediadores quando implementam de modo sistemático essas práticas. O maior e o menor sucesso de seus desempenhos lhes dará os limites e o âmbito de sua atuação como mediadores. (VELHO, 2001, p. 23).

Os mediadores culturais estão inseridos em âmbitos por vezes desconhecidos da maioria da população. Lidam a todo o momento com informações, acessos, prestígio, credibilidade, como se tais aspectos fossem imprescindíveis para sua atuação na sociedade. No caso em análise de Regina Casé e Hemano Vianna, ambos transitam nos diferentes níveis de poder, nos mais plurais universos sociais³⁴,

³³ VOLVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. Tradução de Maria Julia Cottvaser. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2009. p.214.

³⁴ Esta ideia que vê os mediadores culturais como pessoas que transitam em variados universos sociais é evidenciada pela vinheta de abertura do programa *Esquenta!* utilizada entre os anos de

através de redes de relações que são fundamentais na produção do programa *Esquenta!*. Esta atuação participativa faz com que ganhem espaço como pessoas públicas e sejam vistos como referências.

O programa *Esquenta!* da Rede Globo de Televisão possui peculiaridades específicas, pois é um dos programas que mais possui negros em sua constituição coletiva. A apresentação fica centrada na pessoa de Regina Casé, uma figura pública e reconhecida como alguém que veio do povo e faz televisão pelo povo³⁵.

2011 e 2013. O vídeo com a vinheta pode ser conferido em: <https://www.youtube.com/watch?v=UuhbQq7oJl>. Acesso em: 26/09/2015.

35 A trajetória artística de Regina Casé seja no teatro, cinema, novelas ou como apresentadora é extensa. Para este estudo, importa ressaltar sua carreira como apresentadora, destacando alguns “marcos” na sua carreira. Boa parte de sua trajetória artística se desenvolveu na Rede Globo de Televisão. Tornou-se nacionalmente conhecida com o programa *TV Pirata*, atração de humor criado em 1988 com a proposta de ironizar sobre a própria constituição da televisão. Em abril de 1991, estreou o *Programa Legal*, comandado por ela e Luiz Fernando Guimarães, com direção de Guel Arraes e Belisário Franca. Idealizado por Regina Casé e pelo antropólogo Hermano Vianna, o programa misturava documentário, ficção e humor, e ganhou o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) na categoria humor. Em 1992, foi eleita a melhor comediantes do ano pelo júri do Troféu Imprensa, que também premiou o Programa Legal como melhor humorístico da televisão. Apesar da grande repercussão, o programa deixou de ser produzido em dezembro daquele mesmo ano. Sua equipe, porém, passaria a produzir o quadro *Na Geral*, exibido pelo Fantástico a partir de 1994. Ao longo de sua trajetória na Rede Globo, também participou de programas especiais da emissora. Em dezembro de 1992, a Rede Globo transmitiu o especial *Brasil Legal*, que a partir de maio de 1995 passou a fazer parte da programação fixa da emissora, com apresentação de Regina. Com o programa, Regina Casé viajava o país para mostrar lugares e tipos interessantes ou inusitados, quase sempre anônimos. Criado pelo núcleo de produção do diretor Guel Arraes com o objetivo de explorar a veia humorística da atriz, acabou se tornando uma espécie de documentário semanal de costumes e incluía também viagens ao exterior. O término do *Brasil Legal*, em 1998, foi imediatamente seguido da estréia de *Muvuca* em 1999, programa semanal comandado por ela e produzido pelo núcleo de Guel Arraes. *Muvuca* misturava talk-show e reportagens especiais, unindo pessoas de diferentes universos. Famosos e anônimos eram convidados a participarem juntos do mesmo programa, que tinha como característica a espontaneidade e informalidade. Não havia um tema definido, nem um roteiro fixo. O programa, no entanto, ao contrário do *Brasil Legal* foi retirado do ar no final de 2000, por baixa audiência. As experiências do *Programa Legal* e do *Brasil Legal* geraram séries educativas, como o *Escola Legal*, dentro do projeto Tele Escola (1996), da Fundação Roberto Marinho, e o *Histórias do Brasil Legal* (1998), para o canal Futura. A partir de 2001, também para o Futura, Regina Casé e o diretor Estevão Ciavatta, passaram a produzir o programa *Um pé de quê?*, A atração trazia histórias sobre as origens e as características de diversas árvores. Também em 2001, apresentou *Que História é Essa?*, um especial de fim de ano exibido pelo Canal Futura, no qual abordava histórias ocorridas com pessoas comuns, noticiadas no mesmo dia de acontecimentos históricos. Com parte de sua ação ambientada na Biblioteca Nacional, o especial voltou a ser produzido em dezembro de 2002, quando foi exibido no Fantástico. Em 2003, apresentou de sua autoria juntamente com Jorge Furtado e Guel Arraes o programa *Cena Aberta*, que foi produzido pela TV Globo em parceria com a Casa de Cinema, de Porto Alegre. A atração ganhou Menção Especial no Festival Tout Écran, competição internacional de filmes e televisão, na Suíça. A série de quatro episódios foi premiada na categoria "Séries, Coleções e Dramas de Longa Metragem". Também levou o prêmio de melhor programa de televisão da Associação Paulista de Críticos de Arte. Em 2004, esteve à frente de *São Paulo de Piratininga*, série de reportagens exibida pelo Fantástico em comemoração aos 450 anos de fundação da cidade. Durante o ano de 2006, comandou o *Central da Periferia*, programa de auditório ao ar livre voltado exclusivamente para a produção cultural das regiões menos favorecidas do país. A mesma equipe de produção do *Central da Periferia* era responsável pelo quadro *Minha Periferia*, exibido semanalmente, aos domingos, no Fantástico. Em 2011, Regina apresentou ao país o programa *Esquenta!!*, atração dominical da

Sua pessoa é envolta de uma aura que lhe garante poderes efetivos sobre o meio em que atua. Seu programa busca transmitir um compromisso social claro: a presença do negro como agente social de sucesso.

A aparição do negro no programa *Esquenta!*, para esta pesquisa e levando em conta as reflexões de Theodor Adorno, Michel de Certeau, Gilberto Velho e Letícia Vianna, não representa claramente uma participação social do negro como agente produtor de cultura, reconhecido pelo seu trabalho e valorizado por isto. Em verdade, a constituição de um elenco negro no programa *Esquenta!* funciona como atributo fundamental e confiável para a produção, na manutenção de uma realidade pouco reflexiva, muito estereotipada e reprodutivista. A visão do negro passada pelo programa *Esquenta!* mantém um *status* de domínio e justificação social de violência, sofrimento e frustração. O domínio sobre este grupo permanece contundente, mas é desenvolvido de modo sutil e utilizando-se de pares que sofrem o preconceito racial.

Para Gilberto Velho (2001), nem todas as mediações se inscrevem como preocupadas em difundir práticas e valores de uma sociedade, no sentido de contribuir para a reflexão e superação de preconceitos em geral e realidades de exclusão.

(...) há mediações que, simplesmente, mantém o *status quo*, num processo mesmo de controle de informações e preservação de valores. Seria uma mediação tradicional, historicamente desempenhada por certas categorias de sacerdotes, leitores, capatazes, mordomos, delegados, entre tantos possíveis exemplos. (p. 28).

Regina Casé inscreve-se justamente no tipo de mediadora cultural que mantém o *status quo* do rótulo, ao invés de propiciar uma abertura de olhar mais franco sobre a educação étnico-racial. Claro está que existem manifestações em seu programa que podem contribuir para a diminuição do racismo e em direção de uma educação étnico-racial, mas pelo papel que desenvolve como mediadora e pela penetração que se percebe na vida das pessoas, seu programa além de fornecer substrato para uma visão desfocada do negro³⁶, produz uma deseducação no que diz respeito ao tema étnico-racial.

Rede Globo de Televisão. Com direção de Guel Arraes, Estevão Ciavatta, Leonardo Netto, Monica Almeida e Mário Meirelles, a exibição passou a trazer várias personalidades da música brasileira. Desde sua estréia, o programa tem se destacado pelo improviso e pela informalidade. Disponível em:< <http://www.reginacase.com.br/obra>>. Acesso em 19/08/2015.

³⁶ Isso se inscreve no programa transmitido no dia 06/04/2014, data comemorativa do dia das mães. Regina Casé e a produção do programa trouxeram como convidada a artista Angélica, para falar de

Levando em conta as reflexões desenvolvidas por Letícia Vianna (2001)³⁷, o mediador cultural se desenvolve no interior de um estilo próprio e inconfundível. Ele cria espaço, seja para a problematização de algo e a disponibilização de um leque de ideias. Por outro, também pode se utilizar dos espaços criados, para manter o *status quo* de uma determinada realidade social, além de possibilitar a transmissão de ideologias que deseducam.

2.3 A deseducação étnico-racial produzida por Regina Casé e o programa *Esquenta!*

O que vem a público no programa *Esquenta!* está marcado pela linguagem já muito difundida da cultura contemporânea, produzida pela Indústria Cultural, que substitui o momento do pensamento do indivíduo, pelo completo deleite da participação passiva do que é transmitido. Os telespectadores não têm tempo para reflexão, já que a enxurrada de informações arranca-lhes tal possibilidade, apresentando em troca o consumo dos produtos, das subjetividades e dos jargões característicos.

Tudo que vem a público está tão profundamente marcado que nada pode surgir sem exibir de antemão os traços do jargão e sem se credenciar à aprovação ao primeiro olhar. Os grandes astros, porém, os que produzem e reproduzem, são aqueles que falam o jargão com tanta facilidade, espontaneidade e alegria como se ele fosse a linguagem que ele, no entanto, há muito reduziu ao silêncio. Eis aí o ideal do natural nesse ramo. Ele se impõe tanto mais imperiosamente quanto mais a técnica aperfeiçoada reduz a tensão entre a obra produzida e a vida cotidiana. O paradoxo da rotina travestida de natureza pode ser notado em todas as manifestações da indústria cultural, e em muitas ele é tangível. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 120).

O estilo da indústria cultural é uma turva identidade, na qual X ou Y não possuem significância alguma. Tanto faz ir e voltar entre ambos, já que eles são o

sua família e do que representa ser mãe. O convite de tal personalidade é vista como problemática, pois Angélica é uma mulher branca, loira e possui um espaço de bastante destaque na mídia. É vista como ícone de beleza, tendo atuado como modelo, cantora e mais atualmente apresentadora de programas da Rede Globo de Televisão. A pergunta que se inscreve é a seguinte: não há nenhuma mãe negra que tenha o que dizer sobre o que significa ser mãe? A sutileza do preconceito praticado pela mediação cultural de Regina Casé evidencia-se com clareza no convite da apresentadora para a convidada comparecer ao palco, com a seguinte frase: “Linda, loira, talentosa. Uma verdadeira e brilhante estrela. Bateria arrebeta para Angélica”. O vídeo que apresenta tal acontecimento pode ser visto em: https://www.youtube.com/watch?v=_A6JP6UMWYY. Acesso em: 27/09/2015.

³⁷ VIANNA, Letícia. **O Rei do Meu Baião**: mediação e invenção cultural. In: VELHOR, Gilberto (org.) [et. al]. *Mediação Cultural e Política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001, p. 61-90.

mesmo. A recíproca diferença, aspecto essencial a uma comunicação diferenciada³⁸ é aniquilada na sombra da igualdade.

Nesta linha que Regina Casé deseduca, pois sua contribuição enquanto mediadora cultural desenvolve um estilo que privilegia de modo direto a homogeneidade de pensamento. Como “aparência” a apresentadora tem em seu programa um número considerável de pessoas negras, entretanto parece que sua intencionalidade não está fixada na promoção do negro. Muito pelo contrário, esta forma de aparição do negro não passa de reprodução técnica e social de um status de domínio, segregação e racismo, travestido de igualdade sem diferença.

A indústria cultural organiza-se no interior de uma lógica que dota de uma aura imperscrutável todo seu edifício de produções. Tudo é classificado sob a sombra da harmonia, solapando em um único movimento o caráter da diferença. É proibido ser diferente. Da mesma maneira, todo tipo de oposição a um movimento violento de embrutecimento é rapidamente enquadrado na generalização da arrogância. Em resposta a isso a consciência falsa rapidamente discursa sobre os benefícios e a preocupação da indústria em democratizar as produções a todas as pessoas.

Não entra em questão a qualidade do que é publicado, seus objetivos e interesses intrínsecos, tão única e estritamente a grande ocorrência de que todos podem provar do elixir desenvolvido. A consciência falsa veste-se de uma verdade inquestionável, revertendo a situação e a consciência dos indivíduos para seu interesse. O descaramento é mascarado e ganha ares de originalidade absoluta.

A partir disso, ao consumidor e telespectador dos programas vinculados pela mídia, entre os quais se encontra a atração *Esquenta!*, resta prestar reverência a um “amo” tão bondoso, que provém o que é mais necessário para se continuar onde está, no completo estado de aceitação e, portanto, de submissão: a reprodução indiscriminada do sempre o mesmo.

Essa mesma regula também as relações com o que passou. O que é novo na fase da cultura de massas em comparação com a fase do liberalismo avançado é a exclusão do novo. A máquina gira sem sair do lugar. Ao mesmo tempo que já determina o consumo, ela descarta o que ainda não foi experimentado porque é um risco. É com desconfiança que os cineastas

³⁸ O tema da “Comunicação do Diferenciado” não será desenvolvido neste estudo. Cabe ressaltar que a reflexão acerca da relação entre sujeito e objeto se dá por uma comunicação do diferenciado para Adorno. Suas ideias sobre o assunto podem ser conferidas na seguinte obra: ADORNO, Theodor W. **Palavras e Sinais: Modelos Críticos 2**. Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995.

consideram todo manuscrito que não se baseie, para tranquilidade sua, em um Best-seller. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 126).

Regina Casé e o programa *Esquenta!* representam um completo afastamento educacional, pois ao invés de proporcionarem um ambiente amplo de valorização das diferenças e proposições abertas, reproduzem os velhos modelos de atrações televisivas de décadas passadas, que aliam a suposta participação³⁹ da platéia⁴⁰, nas atividades desenvolvidas no palco.

O que não se percebe, é que o telespectador que está diante da TV não participa⁴¹ diretamente do que acontece, e ocupa seu tempo com uma parcela do mesmo de produção, que pauta as programações das mais variadas atrações. Ele aceita e se identifica⁴² com o que é desenvolvido por trás da tela. Inclusive esta

³⁹ Douglas Rafael da Silva Pereira, conhecido como DG e dançarino do programa *Esquenta!* foi assassinado em uma comunidade pobre no Rio de Janeiro. Regina Casé e a produção do programa ao levarem a mãe do dançarino à atração se utilizaram de um nítido sensacionalismo, aproveitando-se da ocasião para aumentarem seus números de audiência. O vídeo que demonstra a fala de Regina Casé, além dos cortes de câmera que exemplificam o que se afirma pode ser conferido no vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=rI6tZfgUCCQ>. Acesso em 21/09/2015. Entretanto, Maria de Fátima Silva, mãe do dançarino, não se calou e denunciou a insensatez da apresentadora e da produção do programa, deixando claro que o intuito de sua participação no programa era para causar comoção coletiva e atingir picos altos de audiência, sem valorizar o trabalho do dançarino e sua memória. Tal denúncia pode ser conferida no vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=YAdn9TW23gI>. Acesso em: 25/09/2015.

⁴⁰ No domingo, dia 09/08/2015, data comemorativa do Dia dos Pais, Regina Casé e a produção do programa *Esquenta!* envolveram-se em uma polêmica. Uma das convidadas da platéia afirmou que recebeu brinquedos dos convidados e artistas do programa que participavam da atração, entretanto, os brinquedos não eram brindes ou presentes. Os brinquedos foram recolhidos pela produção após o fim da atração. Segundo nota divulgada pelo colunista Fernando Oliveira, do jornal *Folha de S. Paulo*; “No início, a produção entregou brinquedos para as crianças, somente para fingir que os levamos para fazer a doação. Depois, pediram para devolvermos os brinquedos colocando-os em um baú”, afirmou uma das convidadas. Para a produção e a própria Regina Casé, os brinquedos eram emprestados e faziam parte de um “ato simbólico”. Segundo ambos, as crianças que estavam na platéia não eram carentes e os brinquedos seriam postumamente doados para uma instituição de caridade. O que chama atenção é que Regina Casé e a produção do programa não disseram qual seria esta instituição de caridade e quando esta doação seria feita. Pelo que se percebe, este “ato simbólico” como foi chamado pela produção, não passa de uma forma de ludibriar a platéia e principalmente o telespectador, que não vê as decisões que são tomadas no interior das produções. Esta forma de “compromisso social” é vista como um produto a ser vendido, para transmitir a ideia de que o programa e a mediação cultural da apresentadora estão amplamente preocupados com a mudança da realidade social. Entretanto tal fato é ilusório, pois se utiliza da comoção coletiva momentânea, assaltando a consciência dos indivíduos, ao tomar atitudes que são mascaradas de beleza, mas na sua intencionalidade principal seguem os ditames do ibope.

⁴¹ Como contraponto é importante estabelecer que Walter Benjamin (1892-1940), componente da Teoria Crítica e, portanto, colega e amigo de Adorno, em suas produções desenvolve a ideia de que as pessoas resignificam aquilo que veem ou ouvem, pois manuseiam o que é percebido em novos contextos e, sendo assim, atribuindo novas significações.

⁴² O foco deste estudo não é abordar a relação do telespectador com o conteúdo que é transmitido pelo canal televisivo. Entretanto, como um contraponto a esta concepção de passividade de quem assiste, cabe ressaltar as reflexões desenvolvidas pela midiicultura, corrente de pensamento bastante atual e que acredita que o telespectador ressignifica, filtra e reinterpreta o que é vinculado pelo meio televisivo.

identificação e aceitação passiva são pensadas e orquestradas por equipes muito bem instruídas, nas técnicas de domínio e produção de consciências falsas.

A indústria cultural é a grande responsável por elevar a arte à esfera de consumo, despindo ao mesmo tempo a diversão de boa parte de suas ingenuidades, colocando no lugar um feitiço altamente atraente, tanto quanto um rótulo de um produto. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 126).

No programa *Esquenta!*, a questão do negro é vista como produto⁴³ a ser rotulado, propagandeado e vendido como compromisso social. Não é necessária uma análise estritamente acadêmica para que se perceba de forma muito gritante, o quanto a “questão negro” é vista como novo foco de mercado a ser explorado em nome do lucro das grandes corporações⁴⁴.

Mesmo a indústria cultural fazendo uso muito contundente da ignorância, da incultura de forma nua e crua, trajada de uma perfeição reflexiva minimamente arquitetada, e mesmo ainda cometendo erros crassos e reproduzindo outros que estão cobertos de poeira, a grande novidade está em reduzir todos os aspectos irreconciliáveis da cultura, da arte e da distração, subordinando-os a uma fórmula única e por isso falsa: a Totalidade. Tal aspecto significa a repetição sufocante do mesmo.

Por funcionar dessa forma, para Adorno, é com razão que os inúmeros consumidores se prendem a forma técnica dos produtos, sem atentar para os conteúdos velhos e teimosamente repetidos, característica percebida na produção e desenvolvimento das atrações do programa *Esquenta!* da Rede Globo de Televisão.

A indústria cultural, seja do ponto de vista televisivo, cinematográfico, livro ou das revistas, apenas substitui o rótulo do que é produzido, como se aquilo fosse uma novidade transformadora. Porém, no interior, no conteúdo permanecem as mesmas características.

Para que as pessoas não abram a lata da novidade e descubram sua falsidade completa, sua durabilidade é contada em segundos. Sua obsolescência aparecerá como algo que surge de trás da pintura do rótulo, revelando a verdade generalizada: não serve mais. A obsolescência é programada e a necessidade de

⁴³ Isso pode ser conferido em trecho de vídeo da atração *Esquenta!* de 05/05/2011, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q0R-txyL990> . Acesso em 23/09/2015.

⁴⁴ Uma reflexão interessante sobre o tema do surgimento de novos grupos e do olhar do mercado consumidor para estes novos nichos geradores de lucro, apresenta-se no artigo de Bernardo Lemgoy: **Do racismo clássico ao neo-racismo politicamente correto**: a persistência de um erro. Cf. <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v13n2/17.pdf>>. Acesso em 28/08/2015.

consumir a novidade como a própria novidade, são orquestradas previamente. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 127).

Toda a parafernália publicitária, como a intencionalidade pré-determinada, é fruto dos mais diversos sistemas de produção, isto é, manifestações maquiadas de ditames e ideologias totalitárias, que não deixam espaço para que os consumidores possam registrar o que fazem com os produtos ou os conteúdos vinculados. A informação quando processada permanece por pouco tempo na mente de quem assiste e na sequência, passa a ser substituída por algo outro que se reveste de novidade, mas não passa de uma manifestação travestida do mesmo. A forma se apresenta alterada, mas o conteúdo do que é transmitido permanece o mesmo. (CERTEAU, 1998, p. 39).

Existe uma racionalização perversa que fundamenta o discurso, a forma e conteúdo das produções culturais, centralizando toda a reflexão em uma espetacularização mediocrizada⁴⁵ de gestos e jargões. Michel de Certeau desenvolve uma análise muito precisa sobre este aspecto:

A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de “consumo”: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante. (CERTEAU, 1998, p. 39).

Esta forma de racionalismo apontada pelo autor utiliza-se dos desenvolvimentos intelectivos para se apropriar da vontade dos consumidores, centralizando através do espetáculo, do barulho, do recurso ao exagero e ao grotesco, toda a produção de consumo.

A própria forma de consumo que será desempenhada pelo participante passivo, que neste caso é o telespectador, é arquitetada em uma intrincada lógica da produção. O processo é tão astuto e sutil ao ponto de não restarem aparentes furos para análise mais direta.

⁴⁵ Percebe-se isso na atitude tomada por Regina Casé no seu programa toda vez que faz uma chamada do programa, quando simula estar queimando (fritando) o dedo nas suas nádegas. Isso pode ser conferido no Anexo A desse trabalho, p. 61. Tal gesto representa uma atitude astuciosa que pretende prender o telespectador, estabelecendo uma referência que se utiliza de um fato corriqueiro: o barulho característico de algo sendo posto em uma chapa quente. O programa seria uma “chapa quente”, algo que cozinha, que alimenta. O que não fica claro com esta atitude é que a consciência das pessoas é cozida e manipulada a bel prazer. Por outro lado, a ideia de *Esquenta!* também pode remeter a uma preparação à festa, isto é, um dispositivo de animação característico que antecede o ritual festivo.

O importante é fazer com que quem assiste o programa *Esquenta!* goste do que está sendo vinculado, contente-se com o que está vendo, e não tenha espaço para desenvolver qualquer tipo de pensamento crítico sobre o que a TV está vinculando no interior de seu lar⁴⁶. Esta produção racionalizada atinge o ser social no que lhe é mais essencial, ou seja, no seio do âmbito familiar. É o aparelho de TV que permanece ligado nas conversas, refeições e momentos de relaxamento, desempenhando o papel de mediação na relação entre as pessoas.

O cotidiano das pessoas passa a ser inventando, reinventado e pautado pela organização televisiva de cada dia da semana. A colocação do programa *Esquenta!* no horário de 12:00 - 13:00 horas aos domingos é justamente para alcançar uma parcela significativa da população, e um momento fundamental da relação e formação da consciência dos indivíduos: o encontro para o almoço de domingo.

O cotidiano das famílias é inventado, mantido e adaptado segundo os interesses de domínio das corporações que pretendem lucrar de todos os lados através das propagandas e produtos vinculados na programação, servida conjuntamente às refeições feitas nas casas. Por vezes, a sobremesa é a nítida manifestação do caráter perverso e dissimulado daqueles que só percebem o lucro.

2.4 A arte de fazer na produção de domínio

Percebe-se que aqui se enquadram duas perguntas centrais: quais são as maneiras de fazer? De que formas se desenvolvem estas redes de disciplina que compõem o cotidiano das famílias, especialmente nos domingos ao meio dia, horário em que o programa *Esquenta!* é posto no ar pela Rede Globo de Televisão?

A cultura popular⁴⁷, na qual se inscreve o programa em análise, é caracterizada por uma arte do fazer, isto é, consumos que buscam ser

⁴⁶ Isso é percebido em um trecho do programa *Esquenta!* que foi ao ar em 31/02/2013, no qual Luane Dias, uma das personagens negras que fazem parte do elenco do programa, denigre a aparência e a vestimenta de alguns dos demais componentes negros do programa, ao mesmo tempo em que, ressalta a beleza e o bom gosto do músico convidado que é branco. O vídeo pode ser conferido em: <https://www.youtube.com/watch?v=DI-6FowvDQ8>. Acesso em 25/09/2015. Esta forma de discurso não se limita a vestimenta, mas reforça ideias historicamente constituídas que menosprezam a beleza negra, em comparação com os “modelos ideais” europeus. Este tipo de pensamento passa a ser assumido como verdadeiro sendo reproduzido por crianças nas escolas, gerando um círculo de domínio, segregação e sofrimento, pois quem não se enquadra no modelo estabelecido como belo é visto como feio e sem espaço e contribuição para o seio social.

⁴⁷ No prefácio escrito a edição italiana de *O queijo e os Vermes*, Carlo Guinsburg problematiza de forma precisa a discussão sobre a cultura popular, como se confere: “A existência de desníveis

combinatórios, no sentido de se ligarem em uma teia intrincada de relações de domínio, além de transmitirem a ideia de utilidade prática. Tal utilidade é percebida pela maioria como um compromisso sério do programa com a população e, portanto, incute nas pessoas uma sensação de responsabilidade e pertença.

O historiador Peter Burke demonstrou que o conceito de *cultura popular*, enquanto lugar do tradicional e do autêntico, não se sustenta na medida em que diversas pesquisas o levaram a perceber uma grande interação entre diversos grupos sociais.⁴⁸ Carlo Ginzburg definiu esse processo de diálogo entre popular e erudito na obra **O Queijo e os Vermes** com o conceito de “circularidade cultural”⁴⁹.

As pessoas passam a acreditar que o programa realmente se importa com elas. Para que isso se desenvolva de modo completo, o ato de falar é desenvolvido ao ponto de se tornar como uma entidade, ou seja, uma voz oculta que transmite a sabedoria necessária.

culturais no interior das assim chamadas sociedades civilizadas é o pressuposto da disciplina que foi aos poucos se autodefinindo como folclore, antropologia social, história das tradições populares, etnologia europeia. Todavia, o emprego do termo **cultura** para definir o conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamento próprios das classes subalternas num certo período histórico é relativamente tardio e foi emprestado da antropologia cultural. Só através do conceito de ‘cultura primitiva’ é que se chegou de fato a reconhecer que aqueles indivíduos outrora definidos de forma paternalista como ‘camadas inferiores dos povos civilizados’ possuíam **cultura**. A consciência pesada do colonialismo se uniu assim à consciência pesada da opressão de classe. Dessa maneira foi superada, pelo menos verbalmente, não só a concepção antiquada de folclore como mera coleção de curiosidades, mas também a posição de quem distinguia nas ideias, crenças, visões de mundo das classes subalternas nada mais do que um acúmulo inorgânico de fragmentos de ideias, crenças, visões de mundo elaborados pelas classes dominantes provavelmente vários séculos antes. A essa altura começa a discussão sobre a relação entre a cultura das classes subalternas e a das classes dominantes. Até que ponto a primeira está subordinada à segunda? Em que medida, ao contrário, exprime conteúdos ao menos em parte alternativos? É possível falar em circularidade entre os dois níveis de cultura?”. GINZBURG, Carlo. **O queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Tradução de Maria Betânia Amoroso, tradução dos poemas de José Paulo Paes e revisão técnica de Hilário Franco Jr. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

⁴⁸ BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

⁴⁹ No prefácio escrito a edição inglesa de *O queijo e os Vermes*, Carlo Ginzburg deixa claro o significado da circularidade cultural: “Em consequência, uma investigação que, no início, girava em torno de um indivíduo, sobretudo de um indivíduo aparentemente fora do comum, acabou desembocando numa hipótese geral sobre a cultura popular – e, mais precisamente, sobre a cultura camponesa – da Europa pré-industrial, numa era marcada pela difusão da imprensa e a Reforma Protestante, bem como pela repressão a esta última nos países católicos. Pode-se ligar essa hipótese àquilo que já foi proposto, em termos semelhantes por Mikhail Bakhtin, e que é possível resumir no termo “circularidade”: entre a cultura de classes dominantes e a das classes subalternas existiu, na Europa pré-industrial, um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo”. GINZBURG, Carlo. **O queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Tradução de Maria Betânia Amoroso, tradução dos poemas de José Paulo Paes e revisão técnica de Hilário Franco Jr. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

Colocando-se na perspectiva da enunciação... privilegia-se o ato de falar: este opera no campo de um sistema lingüístico; coloca em jogo um sistema lingüístico; coloca em jogo uma apropriação, ou uma reapropriação da língua por locutores; instaura um presente relativo a um momento e a um lugar: e estabelece um contrato com o outro (o interlocutor) numa rede de lugares e relações. (CERTEAU, 1998, p. 40).

O ato da fala funciona no interior de um campo e sistema lingüístico bastante complexo. Como aponta o autor, através da fala desenvolve-se uma apropriação da consciência de quem assiste o que é transmitido, que é redirecionada levando em conta os interesses pré-determinados pela corporação que ceifa a consciência individual e o ato de fala, postulando em devolução pela invasão desmedida na vida das pessoas, um presente sorridente, feliz e de muito sucesso profissional e financeiro.

O sucesso é pautado e reforçado. Esta “devolução” opera como um acordo contratual, no qual as partes concordam em estabelecer um determinado negócio ou relação. Entretanto, a maioria das pessoas não percebe que este acordo é só mais uma manifestação da mesmice, pois não há uma consulta prévia às pessoas sobre o que irá acontecer, e não se dá uma devolutiva depois de assinado o contrato.

A maioria dos indivíduos não vê que é a mesma pessoa que produz, assina e garante que tal firmamento será mantido e desenvolvido, obviamente, porque possui interesses escusos e dominadores. Tanto as relações e os lugares de contato vão sendo diminuídos ao ponto de sobrar apenas à aceitação passiva daquilo que foi e continuará a ser verdade absoluta.

A visão obscurecida é fruto de um longo e amarrado processo de manipulação. A cultura contemporânea e do consumo “canceriza a visão”, instaurando uma catarata coletiva⁵⁰, frente às adversidades diárias do mundo administrado imposto.

⁵⁰ José Saramago (1922-2010), um dos maiores escritores de Portugal, ganhador do prêmio Nobel de Literatura em 1998, escreveu um livro intitulado *Ensaio sobre a Cegueira*. Em um cenário ficcional, uma cidade passa a desenvolver de forma desenfreada uma cegueira coletiva, que vai atingindo a todos. As pessoas aos poucos vão sendo mandadas a um hospital psiquiátrico desativado, para ali viverem. Este isolamento representa a exclusão social do desconhecido, daquilo que é representado como mal, isto é, contagioso. O convívio social entre os “doentes” torna-se complicado após um grupo de homens começarem a controlar a comida, exigindo pagamento pelo acesso à alimentação. O livro é construído sob uma narrativa ácida, que busca descrever a cegueira coletiva vivenciada por muitos nos mais variados âmbitos, seja nas relações humanas, nas escolhas políticas, na convivência e atuação social, etc. Não é de se estranhar que na sequência de sua produção literária, Saramago escreva outro livro intitulado: *Ensaio sobre a Lucidez*, que conta o período pós-superação da cegueira coletiva, demonstrando nitidamente o significado do esquecimento para uma sociedade que não está atenta sobre sua história.

Da televisão ao jornal, da publicidade a todas as epifanias mercadológicas, a nossa sociedade, canceriza a vista, mede toda a realidade por sua capacidade de mostrar ou de se mostrar e transforma as comunicações em viagens do olhar. É uma epopéia do olhos e da pulsão de ler... E era um livro. Agora o texto não provém mais de uma tradição. É imposto pela geração de uma tecnocracia produtivista. Não se trata mais de um livro de referência, mas de toda a sociedade feita texto, feita escritura da lei anônima da produção. (CERTEAU, 1998, p. 49-50).

Todo o aparato mercadológico da cultura torna a vista cancerosa para Certeau, pois a reproduzibilidade dos meios que configura o olhar doente simula a proliferação desenfreada de uma célula cancerígena em um corpo doente. A visão das pessoas enquanto ser social é transformada em uma viagem de deformidade, na qual forma e conteúdo se divorciam definitivamente e não há um interesse de reconciliação por parte dos meios de comunicação. Toda a realidade passa a ser mensurada, o pensamento é atingido, registrado e catalogado. Pensar por conta própria se torna ameaça doentia. O vírus a ser combatido pela sociedade contemporânea é o pensamento autônomo, isto é, dialético e crítico.

As imposições se proliferam como um vazamento radioativo, de forma imperceptível e ocupando todos os espaços disponíveis. Toda uma forma de pensamento fica de mãos atadas diante de um aviltamento perverso. Neste aspecto cabe lembrar que a contribuição dada pelo pensamento positivista, como modelo de categorização matemática da realidade, isto é, como domínio numérico da realidade, se desenvolve de forma tecnocrática. Toda a sociedade torna-se matéria prima e, portanto, de manipulação na fábrica da produção de significados anônimos de uma sociedade e culturas anêmicas.

O olhar principalmente sociológico utilizado como instrumento primordial nas análises culturais, no que diz respeito, por exemplo, à diferenciação entre elites e massas, utilizando como critério o “grau de ignorância”, não mensurável e muito menos visível de forma clara, são ramificações da função social do saber categorizadas por pensadores da literatura, história e filosofia ao longo dos anos, principalmente no decorrer do século XVII.

Nesses tempos da imprensa, da alfabetização (ainda fraca) e da escolarização, o conhecimento se torna um instrumento de unidade e de diferenciação: um corpus de conhecimentos ou um grau de saber recorta um corpo ou isola um nível social, ao mesmo tempo em que a ignorância é associada à delinquência como causa desta, ou à massa como ao seu próprio indício. O que é novo não são estas divisões sociais, mas o fato de

que um saber ou uma doutrina constituíam o *meio* de as colocar, ou de as manter ou de as trocar.(CERTEAU, 1982, p. 38).

O saber e as doutrinas são o *modus operandi* que disponibiliza, mantém a existência ou substitui uma ignorância por outra. Os saberes se alteram em velocidade frenética no intuito de se remodelarem as urgências de novas necessidades. Os sujeitos sociais, os mediadores de cultura e os agentes públicos de opinião, substituem a aparência para maquiagem as antigas ideias. Sua alteração acontece quando as máscaras são derretidas pelos números das estatísticas de aceitação, os quais se negados representam prejuízo. Procede-se a troca dos agentes e a roda dos saberes, das ilusões, da produção e da ignorância retomam o movimento esperado pelos financiadores deste desenvolvimento.

3. THEODOR ADORNO E A EDUCAÇÃO COMO RESISTÊNCIA: EDUCAR PELA LEMBRANÇA E RECONHECIMENTO DA BARBÁRIE

A reflexão sobre educação neste trabalho contrasta intimamente com a discussão sobre o perito e o filósofo, desenvolvida por Michel de Certeau. Para o autor,

...Cabe a ambos a tarefa de mediadores entre um saber e a sociedade, o primeiro enquanto introduz a sua especialidade na área mais vasta, e complexa de decisões sócio-políticas, o segundo enquanto reinstaura, relativamente a uma técnica particular (matemática, lógica, psiquiatria, história, etc.) a pertinência de interrogações gerais. No perito, uma competência se transmuta em autoridade social; no filósofo as questões banais se tornam um princípio de suspeita num terreno técnico. (CERTEAU, 1998, p. 65-66).

O apontamento feito pelo autor é central para esta pesquisa, pois entende que o trabalho desenvolvido pelo filósofo é o de tornar questões vistas como banais, tanto pela academia como pela opinião pública e a sociedade como um todo, em um campo de investigação.

A banalidade⁵¹ pode representar um encobrimento de algo mais danoso e complexo. A categorização em relevância e banalidades leva muito em conta o

⁵¹ O tema da banalidade recebeu diversas interpretações ao longo da história da filosofia. Muito destacada é a noção de banalidade do mal desenvolvida pela pensadora contemporânea Hanna Arendt, como aponta um de seus principais comentadores no Brasil, Adriano Correa: "...Hanna Arendt reflete novamente sobre o tema do mal, no livro *Eichmann em Jerusalém* – um relato sobre a banalidade do mal (1963). Nessa obra, que para ela era uma reportagem, se auto-censura por ter feito uso do termo mal radical para descrever os crimes cometidos sob o terror totalitário. Ela julgava que um dos pontos fundamentais a pôr esse livro em conflito com *Origens do Totalitarismo* era o contraste entre as expressões mal radical e banalidade do mal. A imagem de Eichmann [oficial nazista, responsável pela liberação dos trens que conduziam os judeus e demais grupos aos campos de concentração], como uma figura comum, e mesmo banal, a pensar por clichês, com sua presteza para obedecer a qualquer voz imperativa e de quem não se poderia extrair qualquer profundidade diabólica, fez com que Hanna Arendt mudasse de ideia e deixasse de utilizar o termo "mal radical"... Hanna Arendt considera Eichmann um personagem banal não apenas por ser uma figura comum, sem qualquer traço distintivo, mas principalmente por ser incapaz de reflexão, de pensar sem um regulamento. Todavia, do mesmo modo que ela rejeitava a ideia de que ele era um monstro demoníaco, evitava fazer um relato de sua personalidade que pudesse sugerir ser ele um néscio. Estava em questão o fato de ele ser uma pessoa normal, como fora atestado pelos exames de sanidade que lhe foram feitos – o sacerdote que o visitou na prisão teria dito que ele era "um homem de ideias muito positivas" -, mas de modo algum no sentido de que possa haver "um Eichmann em cada um de nós", e sim no sentido de que ele não tinha qualquer atributo distintivo, exceto talvez sua capacidade de organizar e negociar e a sua férrea obediência. Era movido ainda por um desejo, conjugado a ressentimentos, por se ver promovido em vista de sua lealdade e de sua eficiência no desempenho de suas atribuições... A incapacidade de reflexão e de pensar considerando o ponto de vista do outro, já mencionada por Hanna Arendt no final de *Origens do Totalitarismo* como sendo uma consequência do acesso ao mundo apenas pela força auto-coercitiva da lógica ou da ideologia, é que estaria por trás de todos esses atos monstruosos, para cuja perpetração a maldade assentada no

ponto de referência do pesquisador, o objeto pesquisado e os “óculos” usados por quem investiga. Pesquisar significa cortar, interpretar, descartar, integrar, analisar e refletir sobre.

Refletir sobre a educação, após pensar sobre a mediação cultural de Regina Casé e o desenvolvimento de seu programa, pode representar uma pesquisa que não traga novidades, a partir da concepção de que para algumas pessoas “é óbvio que o programa *Esquenta!* é péssimo no que diz respeito à formação das pessoas, seja do ponto de vista étnico-racial ou qualquer outro”.

Entende-se que esta interpretação banaliza aquilo que “parece ser senso comum”. Este estudo entende que a obviedade pode representar um perigo característico, já que significa uma aceitação passiva daquilo que acontece. Todos sabem que não traz muito de produtivo para a formação das pessoas, sendo assim não existe necessidade de ser estudado.

Muito pelo contrário, percebe-se a existência de ao menos dois problemas centrais nisso: primeiramente o reconhecimento que o programa e a mediação de Regina Casé representam uma deseducação étnico-racial⁵² e, por segundo, que ocorre uma aceitação passiva da deseducação.

Consome-se aquilo que se sabe que não traz novidade e não contribui para o crescimento do sujeito pensante. Ambos os problemas percebidos estão intimamente ligados ao tema da educação e sua discussão perpassa o assunto da propagação de uma educação realmente construtiva, desafiadora e, portanto, relevante. Sendo assim, as reflexões de Adorno se mantêm com atualidade grandiosa.

Fazia parte das preocupações do autor a vida após os campos de concentração nazistas. Como seria possível pensar, escrever, poetizar a vida se a sua aniquilação foi permitida? Como educar após Auschwitz? No clássico texto: **Educação após Auschwitz**, Adorno esclarece:

A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação... Mas a pouca consciência existente em relação a essa exigência e as questões que ela levanta provam que a monstruosidade não calou fundo nas pessoas sintoma da persistência da possibilidade de que se repita no que

interesse próprio ou no egoísmo não parece ser necessária. A tese sustentada por Hanna Arendt a esse respeito, que tanta polêmica gerou e ainda gera, é a de que Eichmann e os muitos como ele não eram pervertidos, mas “terrível e assustadoramente normais”. In: CORREIA, Adriano. **Hanna Arendt**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, pp. 49-51. (Coleção Filosofia: Passo a passo – 73).

⁵² Este tema foi desenvolvido no segundo capítulo desse trabalho.

dependem do estado de consciência e da inconsciência das pessoas. Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. (ADORNO, 2011, p. 119).

Esta exigência apontada pelo pensador inscreve-se, primeiramente, na inquietação de alguém que sofreu no âmbito pessoal a necessidade de fuga de seu país para preservar a vida. Por segundo, a lembrança como antídoto contra o esquecimento, desempenha o papel de culto aos milhões de vítimas que tiveram suas vidas ceifadas.

Lembrar é uma forma de manter vivos aqueles que foram assassinados. Desta maneira, a educação possui um trabalho importantíssimo, pois tem como meta desenvolver a memória⁵³ e consciência acerca dos eventos do passado, buscando construir um presente consciente e um futuro menos danoso que o passado.

A monstruosidade está envolta em uma dura carapaça, que se protege na sombra das “questões que estão resolvidas”, que o passado deve ser deixado de lado, por representar uma ocorrência traumática, não trazendo boas lembranças. Para Adorno, “O gesto de tudo esquecer e perdoar, privativo de quem sofreu a injustiça, acaba advindo dos partidários daqueles que praticaram a injustiça”. (ADORNO, 2011, p. 29)⁵⁴

Encarar os erros é doloroso, mas demonstra claramente o quanto o esclarecimento e a racionalidade foram um projeto frustrado. A mesma razão que cantou alegrias construiu fábricas de morte. Com o esquecimento, a monstruosidade se projeta novamente com novas roupagens, conservando o mesmo conteúdo de domínio.

⁵³ No interior da cultura grega, um dos exemplos mais interessantes de culto à memória é a figura de Homero. O poeta antigo não escreveu nenhum dos versos que compõem a *Ilíada* e *Odisséia*, poemas que contam a saga da cultura grega, seus conflitos e sua história. Os versos eram recitados em praça pública para que muitos tivessem acesso ao material, além de publicizar algo que contava sua história. Saber recitar os versos de ambas as obras era uma maneira encontrada de cultuar a memória e manter vivos os ícones principais da história de um povo. O mesmo pode ser percebido em tribos indígenas brasileiras e na cultura popular, que depende da oralidade para se desenvolver internalizando aspectos fundamentais da cultura e da história que compõem as diferentes gerações, como base sólida para as gerações futuras. São muitos os povos que depositam uma importância grande no culto a memória, pois cultuar a memória significa também, reconhecer a história sem perder aquilo que constitui cada um como ser social, incluído em uma cultura e participante de um espaço.

⁵⁴ ADORNO, Theodor. **O que significa elaborar o passado**. In: ADORNO, Theodor. Educação e Emancipação. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2011, pp. 29-49.

O que apavora em Auschwitz é a regressão. Este fato histórico representou a regressão completa da racionalidade humana e, portanto, "... a barbárie continuará enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão." (ADORNO, 2011, p. 119).

Esta regressão também se inscreve no amplo domínio e escravização dos povos africanos. A "sombra da Europa" sobre a África separou famílias, desconstruiu costumes e dizimou culturas. As separações, a dor da perda das raízes culturais, marcaram o povo africano, obrigado a viver em condições desumanas nas mãos dos traficantes de pessoas. Infelizmente o discurso que permitiu tamanha atrocidade permanece vivo e, portanto, continua a fazer vítimas.

As condições encontram-se nos meios de comunicação de massa, nas revistas, nas notícias, na publicidade, na consciência falsa produzida e introduzida nas pessoas, dificultando muito o desenvolvimento de uma consciência reflexiva autônoma.

A barbárie está nas salas de aulas, no discurso de muitos professores, nos ambientes familiares, nos encontros de amigos, nas brincadeiras "desprovidas de maldade", ou seja, naquilo que parece o fato mais inocente e normal. Aliás, "normalizar" é uma das características a qual contribui para que a barbárie ganhe novos corpos.

A educação como resistência inscreve-se em um grande desenvolvimento da memória, de reconhecimento, comunicação e reflexão aprofundada sobre o que ocorreu no passado e de como o presente lembra e comunica isso. Do contrário, a educação não passa de mera reprodução para formar estúpidos conformados, ridículos inconscientes e "seres casca", ou seja, pessoas que aceitam as imposições e reproduzem a falta de liberdade⁵⁵, contentando-se com a ração diária que lhes é servida.

⁵⁵ Pelo que se percebe, a concepção de Adorno sobre o tema da Liberdade está muito próxima de seu entendimento sobre a Filosofia. Para o autor, especialmente em suas aulas, publicadas nos dois volumes intitulados de *Terminologia Filosofia I e II*, a primeira orientação dada à filosofia constituiu-se na antiguidade, estabelecendo as disciplinas clássicas como lógica, estética e ética. Isso ganha novas roupagens com a filosofia moderna que, a partir de Kant, tenta estabelecer uma unidade da filosofia por intermédio da antropologia. Esta atitude para Adorno é muito problemática. Tal unidade se fundamenta em ideologias antropológicas afirmativas e tranquilizadoras e quando se vê os homens em realidade, percebe-se uma contradição eminente; os homens estão constituídos de tal maneira que não podem efetivar uma unidade. Em sua própria determinação se reproduzem as tensões, oposições, contradições, que são também as do mundo objetivo. A filosofia não pode ser vista como um aglomerado de disciplinas transmitidas historicamente, com seu fundamento na divisão do trabalho. O conceito de filosofia, e, portanto, de liberdade de modo geral, pressupõe um

3.1 Educação como resistência não é educação por compromissos

Levando em conta as discussões desenvolvidas por Sigmund Freud (1856-1939), no que tange a cultura e a civilização, especialmente na obra **O Mal Estar da Civilização (1930)**⁵⁶. Adorno reconhece que o pai da psicanálise estabeleceu as bases de uma leitura social pautada na ideia de que a civilização origina e fortalece aquilo que é anticivilizatório. É a própria civilização que gesta o demônio que lhe consome as entranhas. Ao nascer, o mesmo desfere o golpe final, consumindo vorazmente a vida e o social. A civilização traz dentro de si o seu oposto, isto é, aquilo que deseja insanamente seu fim. (ADORNO, 2011, p. 119).

Uma educação que se pretende crítica, e busca evitar a repetição das barbáries, tem de se concentrar na primeira infância, pois é neste período que o verme da atrocidade começa a se desenvolver. Isso remete à analogia da “larva de mosca”, que inicia seu processo de crescimento já na florada da planta.

A mosca deposita seus ovos na florada do pessegueiro, por exemplo. Com o passar do tempo, estes ovos amadurecem e dão origem a várias larvas, que vão crescendo e consumindo o fruto a partir do seu interior, para preservar sua subsistência. Quando o fruto está maduro e é colhido, em seu exterior parece completamente saudável, mas está totalmente comprometido na parte interna, pois aqueles ovos depositados na florada tornaram-se larvas que consumiram o interior da fruta.

O mesmo acontece com o aspecto anticivilizatório no interior da civilização e a deseducação no interior da educação. Os “ovos” que vão se desenvolver em larvas, são postulados na primeira infância, isto é, no início do processo de criação dos indivíduos, momento em que o senso de escolha não está formalizado e depende muito do que os outros dizem ser o correto. Com o passar do tempo o

estilo de reflexão sutil. Nem a filosofia e muito menos a liberdade devem ser adequação espiritual, como algo dado. A filosofia não possui um objeto claro como outras áreas do conhecimento, entretanto está constantemente a buscá-lo. Isso tem relação com o momento expressivo, com a expressão do ponto de vista linguístico, na busca de transmitir algo que não é propriamente conceitual, através do conceito. Para Adorno, o papel da filosofia e da liberdade como consequência, é um movimento desesperado em dizer aquilo que não pode ser dito. Sendo assim, o homem reflexivo e livre toma o conhecimento não como algo fechado em si mesmo, mas seu privilégio está na capacidade de transmiti-lo adiante, numa nítida intenção de compartilhamento e construção conjunta do sujeito.

⁵⁶ FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011. (Coleção Grandes Ideias).

domínio se alimenta da autonomia e a reflexão crítica de cada pessoa. Resta, então, uma “casca” com boa aparência, mas conteúdo muito comprometido.

A educação como resistência não é uma educação de compromisso, pelo simples fato de que o mundo administrado constitui-se por intermédio de uma rede densamente interconectada. Tal densidade dispara um sentimento de espanto, a partir do qual as pessoas buscam a fuga em direção de um refúgio. Entretanto, a consistência da rede de relações de controle estabelece um enclausuramento, isto é, um aprisionamento que turva a visão e escolha das pessoas.

Esta visão nebulosa é festejada como compromisso por políticos, teóricos e setores da sociedade. Parece que o importante é firmar, plantar o marco no terreno como simbologia, mesmo que este terreno não exista e o marco seja apenas um pedaço de ilusão travestida de veracidade. O compromisso emergencialmente parece atenuar o sofrimento, dando uma esperança de um futuro, mas este futuro não chega e o compromisso não se realiza.

É ilusório evocar nas pessoas a ideia de um compromisso para que o mundo seja melhor. Os compromissos assumem o papel de desencadear um referencial confiável, ou produzem rancores raivosos que vão à direção contrária da proposta original. Nas palavras de Adorno:

Eles significam uma heteronomia, um tornar-se dependente de mandamentos, de normas que não são assumidas pela razão própria do indivíduo. No contexto dos compromissos é comum que as autoridades sejam algo exterior, isto é, “... sem compromisso, intercambiáveis, como foi possível observar com muita nitidez também na Alemanha depois da queda do Terceiro Reich... Por isso a recomendação dos compromissos é tão fatal. As pessoas que os assumem mais ou menos livremente são colocadas numa espécie de permanente estado de exceção de comando. O único poder efetivo contra o princípio de Auschwitz seria a autonomia, para usar a expressão kantiana; o poder para a reflexão, a autodeterminação, a não-participação. (ADORNO, 2011, pp. 124-125).

Os compromissos funcionam como princípio moral⁵⁷ dados por alguém, por muitas vezes alheia à situação vigente. São como os mandamentos no interior da

⁵⁷ A ideia de um princípio moral contrasta com a concepção de moralidade como dever ser. Não cabe a este estudo desenvolver o conceito de moralidade, entretanto, é importante ressaltar que o tema da moral remete ao pensador alemão Immanuel Kant (1724-1804), que discutiu o tema a partir da ideia de imperativo categórico, no interior de sua filosofia prática, como aponta um de seus comentadores Howard Caygill: “O imperativo categórico é, sem dúvida, um dos mais conhecidos e mais discutidos aspectos da filosofia prática de Kant. Tem sido diversamente interpretado como o princípio de uma filosofia moral formalista e vazia, uma glorificação da virtude prussiana de obediência desinteressada ao chamado dever e o princípio fundamental de uma descrição objetivista e racional da ação moral. Para o próprio Kant, o imperativo categórico parece combinar duas ambições filosóficas

religião cristã, representando regras gerais de convivência e princípios a serem seguidos, mas que não foram elaborados pelas pessoas que os praticam.

Foram dados por uma entidade alheia a tudo que estava acontecendo, por vezes uma esfera divina e transcendental. A fatalidade dos compromissos reside primeiramente na sua construção, por serem confeccionados por outros, além de significarem uma proposição estranha às situações que devem se aplicar.

Quem propõe e desenvolve os compromissos, não necessariamente os aplica. Pautada esta realidade, quem desenvolve sua liberdade, no sentido de recusa dos compromissos e encarando a vigência direta da realidade, é excluído e vivencia a exceção. Portanto, a vivência da autonomia, a efetiva autodeterminação, o poder da reflexão representa um desconforto muito característico, pois o desenrolar das ideias originais não está subjugada a nenhuma entidade e princípio. Pelo contrário, é a manifestação primordial da reflexão livre, original e, portanto, crítica.

3.2 A formação étnico-racial a partir da educação como resistência

A experiência formativa que leva em conta a educação como resistência, isto é, uma proposta educativa que tem por base o educar pela lembrança e o reconhecimento da barbárie não aceita passivamente que compromissos firmados a revelia, ou seja, como regras com caráter moralizante do exterior, sejam os pressupostos para um desenvolvimento ético. A ética como sabedoria de vida⁵⁸, como prática de existência, tem como necessidade ser lembrança e reconhecimento.

possivelmente incompatíveis. A primeira e mais modesta ambição era estabelecer o imperativo categórico como princípio canônico para discriminar entre máximas de ação, ao passo que a segunda o viu como um meio de justificar uma explicação metafisicamente fundamentada da liberdade como autonomia da vontade. O debate subsequente consistiu em avaliar a coerência da definição de Kant do imperativo categórico e, em especial, se é sustentável sem o envolvimento de uma metafísica da liberdade". In: CAYGILL, Howard. **Dicionário Kant**. Tradução de Álvaro Cabral e revisão técnica de Valério Rohden. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 192. (Coleção Dicionários de Filósofos).

⁵⁸ Não é objetivo central de esse estudo desenvolver a noção de ética. Entretanto, cabe ressaltar que a concepção de Ética como sabedoria prática remete ao pensador grego Aristóteles (384-322 a.C). Em seu livro **Ética a Nicomaco**, o autor escreve um grande tratado que fornece regras morais ao homem livre e ponderado. Tais regras são direcionadas ao sábio, homem livre das cidades-Estado gregas. O desígnio de Aristóteles é explicar no que consiste a felicidade, entendida como contemplação e ato da parcela mais divina nos humanos. Sendo assim, com este livro, o autor pretende ressaltar a felicidade perfeita, isto é, o Sábio contempla o eterno no desenvolvimento de uma vida de lazer.

O esquecimento e a aceitação são a tônica dos compromissos e a marca da desigualdade. Tais aspectos são o que fundamentam a deseducação ética desenvolvida pela mediação cultural de Regina Casé e o programa *Esquenta!*. Ambos se pautam em compromissos sociais, não pensados a partir das bases sociais, pelo contrário, são vendidos⁵⁹ como formas de superação de situações de exclusão, pobreza e dificuldades. Na sua essência, estas manifestações asseveram a deseducação, ao mesmo tempo em que continuam a disseminar uma consciência falsa e conformada.

Os compromissos étnico-raciais defendidos por Regina Casé e o programa *Esquenta!* não são pautados, desde sua gênese, nos interesses populares. Eles podem até ser firmados nas comunidades pobres, nos lugares que a assistência não chega e a segurança é inexistente, entretanto eles foram formalizados no interior dos escritórios e a regra geral para sua constituição pautou-se no ibope que tal manifestação poderia gerar no público mais conformado. Quanto mais comoção, mais fácil a aceitação do compromisso e de forma mais rápida ele passa a fazer parte do imaginário das pessoas e é internalizado como efetivamente necessário.

Ao Adorno comentar acerca do problema de que Auschwitz aconteça novamente, ressalta que a simples nomeação do fato é rejeitada e quem o pratica passa a ser visto como responsável por um negativismo improdutivo. Para o autor: “O perigo de que tudo aconteça de novo está em que não se admite o contato com a questão, rejeitando até mesmo quem apenas a menciona como se, ao fazê-lo sem rodeios, este se tornasse o responsável e não os verdadeiros culpados”. (ADORNO, 2011, p. 125).

O mesmo acontece com o tema da deseducação estudado neste trabalho. A simples nomeação do fato desperta a recusa, pois a mesma problematiza como o aparato de produção se desenvolve, demonstrando que os menores aspectos são pensados, no sentido de que as pessoas sintam-se completamente identificadas e acreditem fazer parte de compromissos que não ajudaram a construir. São induzidas a acreditarem que são participantes de um processo que desconhecem, mas se sentem integradas pela lógica perversa da vida administrada.

A ideia de que não se fale e que é melhor esquecer, por um lado, é a corporificação ampla da covardia. O problema real e urgente está no esquecimento,

⁵⁹ Sobre este assunto ver nota 40, na página 31 desse estudo.

na defesa ingênua, mas também direcionada, de que aquilo que incomoda deve ser trancafiado, esquecido e a chave do baú jogada fora.

A mediação cultural de Regina Casé e o programa *Esquenta!* contribuem para a efetivação da ideia de esquecimento. É importante ressaltar o entretenimento, a alegria como forma de purgação das dificuldades, mas não se pode perder de vista os acontecimentos históricos e o quanto a importância do culto à memória e o reconhecimento das dificuldades se faz necessária. O entretenimento perpetrado pelo programa *Esquenta!* é revestido de domínio e esquecimento, transmitindo a ideia de que é melhor esquecer de forma alegre⁶⁰, que reconhecer as dificuldades e a história de exclusão e domínio.

Lembrar é dar poder à reflexão, em uma autodeterminação que não participa e não aceita o esquecimento como anestésico. Não falar é uma espécie de omissão e, portanto, de reprodução. Neste sentido, silenciar não é protesto, ao contrário, por um lado aceitação, por outro, pura desonestidade e covardia.

O esquecimento é a nítida caracterização da frieza, da falta de postura ética. Esta frieza é muito latente no tema racial, já que para muitos, o reparo histórico é visto como assistencialismo e tratar do tema racial é perpetuar o racismo. Em verdade, inscreve-se uma confusão conceitual e de postura.

O tratamento sobre o tema racial não é resolvido com atitudes que buscam o reparo histórico, frente a séculos de massacre e exploração de grupos específicos. As posturas que almejam tal reparo são mínimas em uma sociedade que se diz democrática, isto é, que reconhece a todos como participantes do seio social.

Tratar do tema racial não é perpetuar o tema do racismo, mas desenvolver o reconhecimento histórico sobre as atrocidades sofridas, em uma clara manifestação de reparo e reconhecimento àqueles que sofreram barbaramente. Por outro lado, significa uma reflexão acertada para as gerações atuais e vindouras, sobre o reconhecimento do “Outro enquanto Outro.”

O programa *Esquenta!* neste sentido, não contribui para o reconhecimento do “Outro enquanto Outro”, pois resalta os modelos historicamente constituídos, ou seja, o negro que está associado puramente à música e a negra que dança como se

⁶⁰ Essa leitura do programa se evidencia na vinheta de abertura. Muitas pessoas negras aparecem dançando e demonstrando muita alegria. A câmera focaliza com ênfase as nádegas das dançarinas por vários momentos, sexualizando a visão do telespectador e prometendo um banquete que evidenciará o sexo e a diversão. Isso pode ser visualizado no seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=bxoccB1hBJo>. Acesso: 26/09/2015.

estivesse em um ritual de submissão. Há também a reprodução do negro como morador da periferia, o participante da platéia, ou seja, ocorre uma afirmação da memória nacional do negro, isto é, uma visão estereotipada defensora da existência de uma “democracia racial” existente no país.

Nas variadas ocasiões que a mediação de Regina Casé convidou estudiosos e pensadores para exporem suas ideias sobre determinados assuntos, estas pessoas não eram negras. Aos negros, no programa *Esquenta!* resta o entretenimento, o fazer rir. Com isso não há uma intenção de denegrir o entretenimento, mas ressaltar que o espaço do negro no interior do programa é meticulosamente formatado e, sendo assim, muito da contribuição negra para a construção cultural é deixada de lado, como fator desinteressante e improdutivo.

Não se percebe uma intenção na mediação de Regina Casé que ressalte a imagem do negro Outro, isto é, aquele que é lutador, que estuda, trabalha e consegue ascender social e economicamente. Não está presente a valorização do negro que tem profissão de *status*, que é diretor de grandes empresas, que ocupa cargos de chefia e é visto como alguém importante.

O programa *Esquenta!* faz do negro uma espécie de “bobo da corte”, que está pronto a fazer todos rirem e se divertirem, esquecendo que a cultura negra é infinitamente produtiva e recheada de ideias e visões de mundo. A mediação cultural de Regina Casé não ressalta este aspecto da cultura negra, da história africana, delegando ao negro apenas o entretenimento como forma de participação, sem contribuir, de um lado, para que os artistas participantes sejam vistos como pontos referenciais de cultura, e por outro lado na falta de promoção do conhecimento acerca do tema da cultura africana.

É só o conhecimento que pode superar uma deseducação, especialmente do ponto de vista étnico-racial, como bem define Adorno: “Se existe algo que pode ajudar contra a frieza como condição de desgraça, então trata-se do conhecimento dos próprios pressupostos desta, bem como da tentativa de trabalhar previamente no plano individual contra esses pressupostos.” (ADORNO, 2011, p. 135).

O conhecimento representa uma tentativa de reconhecimento e entendimento sobre o Outro. Este relacionamento que percebe as atrocidades, mas de forma primordial, ressalta as conquistas e as criações, precisa ser instigado desde a infância.

Falar em uma educação étnico-racial com efetiva contundência só é possível se esta iniciar na primeira infância. As crianças precisam reconhecer seu colega como Outro e, por assim ser, depositar nele sua importância devida. O Outro é fundamento para o desenvolvimento das crianças sobre a noção do Eu. Um dos caminhos mais característicos da percepção individual é conseguir ver o Outro como diferente e fundamental no seu modo de ser.

É na primeira infância que as crianças precisam aprender que existem diferenças das mais variadas, mas não as diferenças como algo excludente. Ao contrário, as diferenças entendidas como definições. As crianças precisam aprender que cada qual se inscreve como Ser⁶¹. Todas as manifestações de igualitarismo são aparentes. Não passam de fracassos de esclarecimento, que ao invés de contribuírem na construção da consciência crítica e emancipada, desencadeiam e colaboram com noções de superioridade racial e aniquilação de grupos.

3.3 Educação Emancipatória como superação da deseducação Étnico-Racial

Infelizmente é inevitável o aparecimento de personalidades de gabinete, que decidem uma infinidade de aspectos do corpo social, sem ao menos ter uma experiência além de paredes brancas e mesas forradas de papéis e propinas.

⁶¹ O debate sobre a questão do Ser no interior da filosofia é visto como um dos mais complexos problemas e que carrega as mais variadas interpretações. Não faz parte de esse estudo desenvolvê-lo como categoria filosófica, pois o problema do Ser já seria suficiente como fato a ser investigado. Cabe ressaltar que para Adorno, a questão do Ser está diretamente ligada com o debate sobre o fundamento. Para o autor, converter a filosofia em pura busca de fundamento é converter o trabalho filosófico em embate conceitual, isto é, conceitos que acabam por se excluírem mutuamente. Uma espécie de relativismo por volta dos anos de 1900 fruto de más interpretações do Nietzsche intermediário, da panfletagem romancista de Georg Simmel, além da crença de que não existe uma verdade geral, mas, que toda verdade é uma projeção relativa ao indivíduo singular, fazem com que surja esta intenção pela profundidade, ir ao solo, à profundidade das coisas. A ontologia fundamental ficou famosa na Alemanha por disponibilizar esta fortaleza requerida, através de um discurso hábil e estratégico; ir a um solo firme que não se tema perder-se. Nas palavras de Adorno: “Creo que justamente en la situación alemana este concepto de fundamento, suelo su origen desempeña un papel especialmente funesto, y que verdaderamente una gran culpa le corresponde al pensamiento de Heidegger... La idea de que se tiene un suelo firme y seguro bajo los pies cuando El proceso de pensamiento puede ser detenido o interrumpido en un determinado lugar, es un sustituto de la verdad misma. Ahí me parece que radica hoy El error o falsedad de la pregunta por lo primero y originario. Se dice que tal apoyo es la verdad porque no se confía en pensar consecuentemente la verdad, porque la verdad duele mucho como sostiene um viejo mito, y conocer la verdad por completo hoy, implicaría tocar críticamente determinados presupuestos de nuestra propia existencia real, lo que sería muy desagradable. Por eso esas detenciones, esa reflexión angustiada sobre las consecuencias del pensamiento, se convierten en sustituto de la verdad misma, mientras que antes de que realmente se efectúen esas reflexiones, no importa en absoluto si lo firme y primero es también necesariamente lo verdadero”. In: ADORNO, Theodor. **Terminología Filosófica I**. Traducción de Ricardo Sanchez Ortiz de Urbina revisada por Jesús Aguirre. Madrid: Taurus, 1983, pp. 112-115.

Por mais abrangentes, fortes e sinceras que sejam as medidas educacionais, que iniciem na primeira infância, da mesma forma que provavelmente aparecerão novos “ditadores”, muitas pessoas com posições subalternas (serviçais) perpetuarão com sua atuação social, a servidão que lhes é imposta. Sua dignidade estará reduzida a aceitação e ao cumprimento de ordens. (ADORNO, 2011, p. 137-138.)

A reflexão sobre a educação emancipatória reconhece de início que possivelmente não será suficiente para frear o domínio amplamente desenvolvido na sociedade, além de não representar um projeto salvacionista para um futuro realizável há anos luz da atualidade. Antes de qualquer coisa, assume que a racionalidade fracassou e restam cacos espalhados do esclarecimento, do desenvolvimento técnico e tecnológico, acompanhados das ideologias salvacionistas e dos “mártires escribas” das “cartas de alforria” da humanidade, por todos os cantos do mundo.

Estabelecido um ponto de saída que representa uma noção realista sobre o papel educacional, já que mesmo com a presença da educação as atrocidades foram permitidas, evidentemente ela não pode ser vista como modelagem de pessoas. Mesmo que algumas escolas pareçam fábricas de bonecos para passarem em exames de vestibulares, com ampla maioria no caso de escolas privadas.

Especialmente a escola pública brasileira se assemelha a presídios, não só em sua estrutura física e burocrática, mas muito também, no trabalho de gestão, pedagógico e docente, que em muitos casos servem-se de folhas amareladas e corroídas por traças, técnicas arcaicas e responsabilidade social inexistente. Isso tudo acaba sendo asseverado por governos que mantêm as escolas. Escolas ruins são a infância de uma sociedade em completo descalabro em sua idade adulta.

...gostaria de apresentar a minha concepção inicial de educação... a produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado. Na democracia, quem defende ideais contrários à emancipação, e, portanto, contrários à decisão consciente independente de cada pessoa em particular, é um antidemocrata, até mesmo se as ideias que correspondem a seus desígnios são difundidas no plano formal da democracia. As tendências de apresentação de ideias exteriores que não se originam a partir da própria consciência emancipada, ou melhor, que se legitimam frente a essa consciência, permanecem sendo coletivistas-reacionárias. (ADORNO, 2011, p. 141-142).

O excerto de texto acima faz parte de um debate entre Theodor Adorno e Helmut Becker que recebeu o título em sua tradução brasileira de: **Educação para quê? (1966)**⁶² É um escrito muito provocativo e sincero sobre o que pode restar a educação, após todos os fracassos da racionalidade humana, para contribuir na construção da sociedade como um todo.

A educação inscreve-se como produtora de uma consciência verdadeira, em contraposição a consciência falsa, conformada e reprodutora da repressão generalizada observada na sociedade administrada. Isto tem importância política, pois está intimamente ligada à atuação do indivíduo na sociedade com seus pares, como sua relação com as instituições, sejam elas públicas ou privadas, comerciais, industriais, educacionais ou políticas. Trata-se do indivíduo participante, ativo e, portanto, consciente.

Esta atividade não pode ser restrita apenas a uma pessoa e todas as atitudes necessariamente precisam refletir a vontade do corpo social, não de grupos e interesses individualizados. Construir consciência verdadeira e educar de forma emancipatória é uma espécie de educação estética, ou seja, o indivíduo consegue ver, interpretar e entender o que acontece, sem depender de interpretes e mediações, nunca imparciais e sempre direcionadas para focos específicos.

Um ponto central quando se busca definir a educação emancipatória é ressaltar que o conceito de “homem emancipado”, não pode refletir um ideal orientador, ou seja, a referência fundamental. Muitos diriam que a maioria prefere os ideais prontos e acabados, os modelos a serem seguidos. Entretanto, se a pretensão é de tratar da educação como emancipação, as atuações devem ser o resultado de uma construção, não a cópia de um modelo, isto é, a efetivação da democracia e da dialética.

Não é possível almejar uma alteração da lógica disseminada pela indústria cultural de domínio irrestrito, ou ainda a percepção e superação da deseducação étnico-racial desenvolvida pela mediação cultural de Regina Casé e o programa *Esquentar!* da Rede Globo de televisão, pautando-se na cópia de modelos prontos.

A exigência é de reflexão e não se reflete copiando. A reflexão é criação, processo que demanda etapas, esforço e muita persistência. Refletindo sobre a

⁶² ADORNO, Theodor. **Educação – para quê?** In: ADORNO, Theodor. Educação e Emancipação. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2011, pp. 139-154.

criação, suas exigências e procedimentos característicos, um problema se inscreve com muita latência: como alguém pode dirigir a educação do outro?

Penso sobretudo em dois problemas difíceis que é preciso levar em conta quando se trata de emancipação. Em primeiro lugar a própria organização do mundo em que vivemos e a ideologia dominante – hoje muito pouco parecida com uma determinada visão de mundo ou teoria -, ou seja, a organização do mundo converteu-se a si mesma imediatamente em sua própria ideologia. Ela exerce uma pressão tão imensa sobre as pessoas, que supera toda a educação... No referente ao segundo, deverá haver entre nós diferenças muito sutis em relação ao problema da adaptação. De um certo modo, emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade. Mas a realidade, e esta envolve continuamente um movimento de adaptação. A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisso, produzindo nada além de well adjusted people, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. (ADORNO, 2011, p. 143).

A indagação sobre como alguém pode dirigir a educação do outro, contrasta de modo direto com outras duas questões sobre os métodos de educação modernos: o que as crianças e jovens não conseguem mais aprender atualmente? Onde fica a espontaneidade e a criatividade nos modernos processos de educação?

Parece que há uma necessidade de libertação de um sistema educacional referido apenas no indivíduo, isto é, pautado em preceitos dos mais variados que determinam o que é o melhor para o outro: neste momento deve aprender isso, em outro momento aquilo; deverá seguir estes caminhos para alcançar os acertos. Isso passa a impressão de uma moralidade formativa. Entretanto, também é importante ressaltar que, não se pode permitir uma educação que se baseie na eliminação do indivíduo. Eliminar o indivíduo significa aniquilar aquele que tem a possibilidade de criar algo para si mesmo.

A organização do mundo em que vivemos representa o maior obstáculo na formação de qualquer indivíduo, pois após o surgimento e consolidação da Indústria Cultural, a vida do consumo passou a ser mais interessante que a vida reflexiva.

No mundo administrado, as ideias são canalizadas a um estado de contemplação, no qual as pessoas, quando participam, são incumbidas de trocarem canais, concordarem com ideias, consumirem propagandas e reproduzirem modelos. O espaço da produção, da crítica é substituído pela contemplação religiosa do domínio publicitário. As pessoas aceitam de tanto olhar, não porque escolheram. As próprias ideias tornam-se produtos.

Diariamente todos são instigados a ter mais, mesmo que não se saiba para que sirvam tantas posses. Este tipo de ideia reforça a ideologia dominante, aumenta a frustração daquele que não pode ter ampliando a divisão entre os que existem e os que inexistem. Na sociedade contemporânea ter é existir. Entretanto, não se pode fugir de uma adaptação necessária no que diz respeito à conscientização e a atuação do indivíduo como agente racional.

O problema da adaptação é complexo, pois existe a necessidade da conscientização e desenvolvimento racional do indivíduo. Entretanto, a realidade exige variados movimentos de adaptação que se atualizam continuamente. Se a educação ignora as transformações, cai no poço ideológico e no discurso distanciado da realidade. Sendo assim, prepara os homens como teóricos, mas que na prática não sabem manusear o feixe de conceitos que conhecem.

A educação não pode representar uma fábrica de pessoas ajustadas, que sabem manusear instrumentos específicos, mas desconhecem como que o todo produtivo se organiza. A escola não pode ser vista como um reduto industrial e muito menos um poço de ideologias e “causas perdidas”.

Também não pode permitir que as estratégias corporativistas, de publicidade e propaganda se utilizem de forma indiscriminada de linguagem bélica em ambientes formativos. A educação, e mais especificamente a escola não podem ser uma fábrica e nem uma trincheira.

A educação emancipatória necessita convergir diretamente com a educação para a democracia. Para tanto, se faz necessário o conhecimento das debilidades da mesma. A educação deve ser um processo dialético, isto é, só é possível viver a democracia, e na democracia, conhecendo suas fragilidades e refletindo sobre seus benefícios.

A educação nos seus mais diversos âmbitos: familiar, escolar, universitária, tem a função de fundar diante do conformismo parasitário a resistência. A educação precisa ser um instrumento e método de resistência, como referencial às pessoas, frente à pressão social, a deseducação étnico-racial e aos desmandos do capital e das ideologias. Nas palavras de Adorno: “... hoje o indivíduo só sobrevive enquanto núcleo impulsionador da resistência.” (ADORNO, 2011, p. 154).

Considerações Finais

Os capítulos desse estudo pautaram-se na concepção de que o pensamento precisa ser instigado a ser crítico, no sentido de abrir-se enquanto fato. O pensamento vivaz percebe as maledicências praticadas diariamente, que buscam dominá-lo. Só percebe que está preso, aquele que se movimenta e sente o peso dos grilhões. Sendo assim, o pensar não pode ser um ato de paralisia e aceitação, ao contrário, deve ser puro movimento, devir⁶³ na precisão conceitual.

As contribuições dos pensadores da Teoria Crítica serviram de reflexão sobre as artimanhas que facultaram o desenrolar do domínio das pessoas no século XX, contribuindo de modo imensurável para o desenvolvimento da paralisia e aceitação das condições de vida observadas inclusive na atualidade.

A informação, o acesso aos bens culturais e materiais, o consumo, a vida de completa satisfação e sucesso, construíram pessoas com posturas insanas e que não conseguem lidar com o insucesso e a frustração. Não é mais permitido ficar triste. Para cada problema uma pílula nova que remediará a tristeza e trará a felicidade⁶⁴. Esta insanidade se desenvolve como prática necessária do pensar conformado e paralisado.

⁶³ Não coube a este trabalho desenvolver o conceito de devir. Entretanto é importante ressaltar que Adorno leva em consideração este conceito, da forma que o pensou o filósofo alemão Hegel. Levando em conta o comentário de Michael Inwood sobre Hegel, o devir: “... é formado a partir de **werden** ‘tornar-se, transformar-se em’. (**Werden** é também usado como verbo auxiliar no futuro presente e pretérito e em verbos passivos: assim, **ich werde fahren** é ‘eu guiarei’ e **geliebt werden** é ‘ser amado’.) Devir está associado, para Hegel, com Heráclito, que sustentou que tudo está envolvido não em ser, mas em contínuo devir e conflito. Platão endossou essa doutrina a respeito do mundo fenomênico e afirmou, no **Timeu**, que a palavra ‘ser’ deve ser usada somente em relação a FORMAS e IDEIAS imutáveis, enquanto que ‘devir’ deve aplicar-se apenas ao mundo degenerado da APARÊNCIA. Filósofos gregos posteriores compartilharam, em sua maioria, de preferência de Platão pelo ser sobre o devir. Os pensadores alemães, em contrapartida, foram propensos a preferir **devir** à rigidez de **ser**, e aplicam ‘devir’ ao DESENVOLVIMENTO autônomo, mas árduo e eivado de conflitos, da HISTÓRIA e da VIDA... Tal como Heráclito, Hegel viu a oposição e o conflito como essenciais ao devir. Também considerou o próprio mundo, e os conceitos pelos quais o categorizamos, como devir, em vez de um ser estático. O ABSOLUTO não é uma entidade imutável que está subjacente em nossas tentativas de compreendê-lo, mas o próprio desenvolvimento dessas tentativas... A explicação central de Hegel de ser, nada e devir é apresentada em sua *Lógica*”. In: INWOOD, Michael. **Dicionário Hegel**. Tradução de Álvaro Cabral com revisão técnica de Karla Chediak. Rio de Zahar: Jorge Zahar, 1997, pp. 292-293. (Coleção Dicionários de Filósofos).

⁶⁴ Não concerniu a esta reflexão desenvolver o tema da felicidade e tristeza na sociedade contemporânea, como tratar dos “remédios criados” para resolver esta infelicidade ou prolongar a felicidade. Entretanto, como pesquisa futura, do ponto de vista literário, há um exemplo muito instigante na obra; *Admirável Mundo Novo*, de autoria de Aldous Huxley. O autor constrói um debate fundamental acerca do domínio social. Além disso, desenvolve uma reflexão contundente sobre a felicidade e tristeza, além de abordar o tema da sexualidade. Mesmo levando em conta as acusações feitas a Huxley, de ser um futurista exagerado, parece que a obra permanece atual e latente. Como na realidade “inventada” pelo autor, diariamente se vive a partir de comprimidos que atenuam nossa

Neste processo de construção de subjetividades, o qual a indústria da cultura se atualiza cotidianamente com modelos e práticas “mais refinadas”, o domínio operado pelo aparato televisivo desempenha papel central. A TV enquanto meio de transmissão, de informação, permanece como referencial primordial no desenvolvimento da vida cultural e intelectual de muitas pessoas.

Para muitos, especialmente aqueles de camadas mais pobres, só será possível conhecer outras regiões do país e do mundo através da tela televisiva. Desta maneira, este veículo forma e informa subjetividades a partir de modelos e práticas. Para os pensadores da Teoria Crítica, especialmente Theodor Adorno, tais práticas são minuciosamente pensadas e elaboradas a partir de uma “arte do fazer”, que amplia o domínio corpóreo e intelectual.

É fundamental para uma concepção dominadora de transmissão de informações, sejam elas culturais, econômicas ou políticas, que o indivíduo receptor de toda a enxurrada de informações acredite que participa do processo como produtor, além de se reconhecer como tal.

As pessoas se reconhecem como personagens que participam de modo direto, no sentido de poder de decisão e escolha, acreditando que o simples apertar de botões ou trocas de canais representem o “suprassumo” da manifestação de liberdade. A TV é um movimento e um momento de domínio, que formata, enquadra e manifesta no indivíduo as sensações, os sentimentos e o consumo. Não bastasse isso, cria e vende os produtos que resolverão suas carências e necessidades.

Seguindo nessa esteira de interpretação, este estudo desenvolveu no seu segundo capítulo, uma reflexão acerca do programa *Esquenta!* transmitido pela Rede Globo de Televisão e apresentado por Regina Casé. A hipótese que norteou esta etapa do trabalho foi que, tanto o programa como a figura da apresentadora, entendida como mediadora cultural, representam um atraso educativo do ponto de vista étnico-racial, além de asseverarem os estereótipos acerca do tema racial.

Pelo que se percebe o programa *Esquenta!* e a mediação cultural de Regina Casé são um atraso ético e, pensando a partir da noção de mediação cultural, representam figuras determinantes no que diz respeito à deseducação. Este programa é mais um espetáculo, um produto e uma forma de domínio, que se

apresenta como mantenedor do conceito de “democracia racial” criado na academia, mas que é reproduzido por meio de narrativas do senso comum.

A lógica do sucesso desenvolvida pelo programa e a forma dada para toda sua constituição, até mesmo nos discursos usados pela apresentadora, são manifestações nítidas de um processo que busca a construção de uma consciência falsa, como foi apontado por Theodor Adorno, em suas análises acerca da TV e da produção cultural contemporânea, tema desenvolvido no primeiro capítulo desse estudo.

Cabe ressaltar que, se por um lado, há a Indústria Cultural que formata os indivíduos, produzindo seres autômatos, utilizando-se da TV como forma de domínio e construção da consciência falsa, um impasse provocativo se inscreve de forma direta: não resta mais alternativa ao indivíduo contemporâneo, já que desde que nasce é inserido em um contexto de domínio e será tragado pela Indústria Cultural e seus instrumentos (programas de TV, por exemplo), para que seja mais um consumidor assíduo e conformado?

Existem vias de reflexão sobre o tema, ou resta um fatalismo generalizado, pois o domínio se apresenta em todos os âmbitos? Como superar aquilo que desde cedo domina, formata, constrói consciências frustradas, conformadas e falsas, sendo que o horizonte se apresenta de forma nebulosa e pouco esperançoso?

Levando em conta os escritos de Theodor Adorno sobre educação, se existe alguma alternativa minimamente plausível para este “atoleiro dominador” é através da educação como resistência, isto é, o desenvolvimento educativo participativo, comunicativo, estético, visual e dialético.

Para tanto, a educação precisa ser vista primeiramente como projeto acerca da memória. O desenvolvimento da memória não é um processo simples e direto. Cabe à educação o reconhecimento sincero da falência racional que representaram os campos de extermínio no século passado. Como educar pela razão, para o desenvolvimento do esclarecimento, se a mesma razão permitiu que Auschwitz fosse possível?

A educação e a própria racionalidade pós nazismo tem o dever de carregar o próprio defunto, isto é, a utilização de aparato técnico e racional para o extermínio de milhões de pessoas, além da permissão para que tal pratica se efetivasse. Este reconhecer impulsiona a educação no sentido de suplantar a ideia de que através

dela e, somente por ela, será possível em uma realidade futura, e com um projeto salvacionista, redimir os humanos e sua permissividade.

A educação só é educativa se partir do reconhecimento de seu fracasso, que não se trata de negativismo exacerbado e muito menos fatalismo. Pontuar as fragilidades é prestar culto à memória, à história, enquanto necessária para o desenvolvimento do sujeito, como também uma forma consistente e sincera do processo de socialização das pessoas, pois ditadores continuarão a existir e pessoas permanecerão curvadas diante de seus algozes.

A reflexão educativa, então, não se pauta em uma realidade ideal, ou seja, na ascendência característica de alguns que conseguem atingir o patamar mais elevado e dizem o que se deve fazer. Educar para a resistência como propõe Adorno instiga a todos a se tornarem participantes efetivos do debate democrático, isto é, da reflexão crítica e, portanto, sincera sobre as debilidades e benefícios observados na vida democrática.

Formalizar a educação étnico-racial significa discutir sobre a democracia, pois só faz sentido a defesa do ser enquanto ser, isto é, de que cada um é importante da forma que se apresenta, ser enquanto ser no interior da convivência democrática. Suplantar a deseducação étnico-racial parece ser possível através da ampla tarefa de superar a educação por compromissos e constituir a educação como resistência. Em outras palavras, construir a educação que reconhece, resiste, memoriza e desenvolve os indivíduos como seres éticos desde a primeira infância.

Referencias

ADORNO, Theodor W. HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento:** fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. **Educação e Emancipação.** Wolfgang Leo Maar. 6ª reimpr. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **Teoría de la seudocultura,** p. 141-174. In: ADORNO, Theodor W. *Filosofia y Superstición.* Traducción de Jesús Aguirre y Víctor Sánchez de Zavala. Madri: Alianza/Taurus, 1972.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da História.** Tradução de Maria de Lourdes Menezes e revisão técnica de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. **A Invenção do Cotidiano – Artes do Fazer, Vol I.** Tradução de Ephaim Ferreira Alves. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia.** São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

DUARTE, Rodrigo. **Adorno/Horkheimer e a Dialética do Esclarecimento.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. (Coleção Passo a Passo 04)

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os Vermes:** o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução de Maria Betânia Amoroso, tradução dos poemas de José Paulo Paes e revisão técnica de Hilário Franco Jr. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

JAMENSON, Fredric. **O Marxismo Tardio:** Adorno, ou a persistência na dialética. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo; Boitempo/Unesp, 2011.

KONDER, Leandro. **O que é Dialética.** São Paulo: Círculo do Livro, 1981.

MAAR, Wolfgang. **À guisa de introdução:** Adorno e a experiência formativa. In: ADORNO, Theodor W. Educação e Emancipação. Wolfgang Leo Maar. 6ª reimpr. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011, p. 11-28.

WIGGERSHAUS, Rolf. **A Escola de Frankfurt: história,** desenvolvimento teórico, significação política. Tradução do alemão por Lilyane Deroche-Gurgel, tradução do francês por Vera de Azambuja Harvey com revisão técnica de Jorge Coelho Soares. 3ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

Bibliografia Complementar

COHN, Gabriel. **Sociologia da Comunicação**: teoria e ideologia. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. (Coleção Sociologia)

DUARTE, Rodrigo. **Teoria Crítica da Indústria cultural**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

GATTI, Luciano. **Theodor W. Adorno**: Indústria cultural e crítica da cultura. In: NOBRE, Marcos (org.). Curso livre de Teoria Crítica. 2ª ed. Campinas; Papirus, 2009.

HERMANN, Nadja. **A Indústria cultural**. In: DUARTE, Rodrigo. TIBURI, Marcia (orgs.). Seis Leituras sobre a Dialética do Esclarecimento. Ijuí: Unijuí, 2009, p. 69-78. (Coleção Filosofia 27)

ZUIN, Antônio A. S., PUCCI, Bruno., OLIVEIRA, Newton Ramos de (orgs.). **Ensaio Frankfurtianos**. São Paulo: Cortez, 2004.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. 7ª ed. São Paulo: Centauro, 2002.

WOLTON, Dominique. **Elogio do Grande Público**. Uma teoria crítica da televisão. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Ática, 1996.

Anexos

Anexo A:



65

Regina Casé em sua pose característica ao se remeter ao programa *Esquenta!*

⁶⁵ Fonte: <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2011/11/regina-case-brinca-no-lancamento-da-nova-temporada-de-esquenta.html> Acesso em: 22/09/2015.